

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS  
CURSO DE JORNALISMO

CAROLINE CALLAI SARTURI

**FOTOJORNALISMO E GÊNERO:** UMA ANÁLISE DA INTERPRETAÇÃO DOS GÊNEROS MASCULINO E FEMININO SOBRE FOTOGRAFIAS JORNALÍSTICAS DE REPORTAGENS DO JORNAL NEXO SOBRE AS ELEIÇÕES NO ANO DE 2022.

Porto Alegre  
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

CAROLINE CALLAI SARTURI  
(E-mail: [caroline.callai@edu.pucrs.br](mailto:caroline.callai@edu.pucrs.br))

**FOTOJORNALISMO E GÊNERO: UMA ANÁLISE DA INTERPRETAÇÃO DOS GÊNEROS MASCULINO E FEMININO SOBRE FOTOGRAFIAS JORNALÍSTICAS DE REPORTAGENS DO JORNAL NEXO SOBRE AS ELEIÇÕES NO ANO DE 2022.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo da Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dra. Camila Kieling

Porto Alegre  
2023

CAROLINE CALLAI SARTURI

**FOTOJORNALISMO E GÊNERO:**

UMA ANÁLISE DA INTERPRETAÇÃO DOS GÊNEROS MASCULINO E FEMININO  
SOBRE FOTOGRAFIAS JORNALÍSTICAS DE REPORTAGENS DO JORNAL NEXO  
SOBRE AS ELEIÇÕES NO ANO DE 2022.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
curso de Jornalismo da Escola de Comunicação,  
Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dra. Camila Kieling - PUCRS

---

Prof. Me. Eduardo Seidl - PUCRS

---

Prof. Ma. Flávia Quadros - PUCRS

## RESUMO

Este trabalho trata das relações entre fotojornalismo e gênero a partir da análise das respostas do recorte de gêneros masculino e feminino de fotografias retiradas das matérias do jornal Nexo, no contexto das eleições do ano de 2022 no Brasil, no período de 01 de agosto a 01 de novembro. A escolha temporal para a pesquisa de fotografias foi realizada a partir do calendário eleitoral divulgado no site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Com o objetivo de identificar leituras diferentes sobre as relações de gênero no âmbito político, foi utilizada a técnica de questionário online, que apresentou aos entrevistados/as quatro fotografias, cada uma delas com duas perguntas. Foram analisadas, ao todo, 178 respostas, sendo 108 de mulheres e 70 de homens. Após a coleta do material, foi realizada uma análise qualitativa sobre as respostas. O resultado da pesquisa evidenciou diferenças significativas nas respostas de homens e mulheres, demonstrando que as vivências de gênero podem ter impacto sobre as interpretações de fotografias jornalísticas na esfera política.

**Palavras-chave:** fotojornalismo; política; gênero; eleições; diversidade.

## **ABSTRACT**

This work deals with the relations between photojournalism and gender from the analysis of the responses of the male and female gender cut of photographs taken from the articles of the Nexo newspaper, in the context of the elections of the year 2022 in Brazil, in the period from August 1 to November 1st. The time period choice for the search of photographs was made from the electoral calendar published on the website of the Superior Electoral Court (TSE). In order to identify different readings about gender relations in the political sphere, the online questionnaire technique was used, which presented the interviewees four photographs, each with two questions. A total of 178 responses were analysed, 108 of which were women and 70 of men. After collecting the material, a qualitative analysis of the answers was performed. The result of the research showed significant differences in the responses of men and women, demonstrating that gender experiences can have an impact on the interpretations of journalistic photographs in the political sphere.

Keywords: photojournalism; politics; gender; elections; diversity.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2. DIFERENÇAS DE GÊNERO</b> .....	11
2.1 DIFERENÇA E IGUALDADE NAS RELAÇÕES DE GÊNERO.....	15
2.2 FEMINISMO COMO FORMA DE REAÇÃO À DOMINAÇÃO MASCULINA.....	18
<b>3. FOTOGRAFIA</b> .....	23
3.1 A FOTOGRAFIA COMO FORMA DE INFORMAÇÃO .....	25
3.2 ANÁLISE DA IMAGEM.....	30
3.3 COMPREENSÃO DA IMAGEM A PARTIR DO CONTEXTO SOCIOCULTURAL .....	31
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	34
<b>5. ANÁLISE</b> .....	41
5.1 DESIGUALDADE .....	43
5.2 REPRESENTATIVIDADE.....	48
5.3 POLÍTICA.....	51
5.4 GÊNERO.....	53
5.5 RESULTADOS.....	56
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	61
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	65
<b>APÊNDICE A - RESPOSTAS DOS HOMENS</b> .....	69
<b>APÊNDICE B - RESPOSTAS DAS MULHERES</b> .....	73
<b>ANEXO A - QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO DIGITAL</b> .....	79
<b>ANEXO B - FERRAMENTA ANTCONC</b> .....	86

## 1. INTRODUÇÃO

O papel do fotojornalismo na construção e disseminação de narrativas visuais é desafiado pelas diversas interpretações do contexto sociocultural, neste caso, especialmente no que diz respeito às representações de gênero. Este trabalho de pesquisa tem como foco a interseção entre fotojornalismo e gênero, explorando representações de gênero no ambiente político. Estudar fotojornalismo e gênero é um assunto complexo, pois ambos vêm de uma construção social influenciada por uma variedade de fatores culturais, sociais e históricos. O estudo visa compreender as interpretações de homens e mulheres sobre as imagens de reportagens do jornal Nexa, no período das eleições de 2022.

A delimitação do escopo da pesquisa foi concentrada na análise das interpretações de jornalistas e estudantes de jornalismo de diferentes gêneros em relação às fotografias publicadas pelo veículo digital. O recorte temporal, de 01 de agosto a 01 de novembro, proporciona uma visão específica das dinâmicas visuais em um contexto político crucial.

A questão central busca investigar possíveis disparidades nas interpretações de fotografias jornalísticas entre os gêneros masculino e feminino, destacando as subjetividades na leitura visual. A segunda problematização direciona o olhar para a presença de representações de gênero nas imagens jornalísticas e como essas representações moldam a interpretação de indivíduos de gêneros diferentes. Também visa explorar os elementos específicos trazidos pelos indivíduos que interpretaram as fotografias, identificando aspectos que possam ser influenciados pelas diferenças.

Esta pesquisa traça a evolução histórica do fotojornalismo e ressalta os conceitos fundamentais. Assim como também irá situar as discussões contemporâneas que cercam os recortes de gênero, explorando como as imagens contribuem para a construção e desconstrução de estereótipos de gênero.

A partir de um processo de interpretação visual por parte dos respondentes, foi pedido que descrevessem os sentimentos, impressões e se a fotografia contribuía ou não para o cenário político em um questionário online. A análise focou na ideia de que as influências individuais e sociais moldam a maneira como diferentes grupos interpretam as fotografias jornalísticas.

A escolha de jornalistas e estudantes de jornalismo como respondentes nesta pesquisa de monografia é justificada pela experiência e influência direta desses participantes na produção e disseminação de narrativas visuais. A imersão profissional dos jornalistas no universo da comunicação proporciona um entendimento aprofundado das complexidades envolvidas na produção jornalística de conteúdo, oferecendo concepções sobre as dinâmicas, desafios e nuances associados a essa questão. A inclusão de estudantes de jornalismo acrescenta uma perspectiva contemporânea, refletindo as mudanças nas percepções de gênero na comunicação e trazendo uma abordagem atual à análise. Esses futuros profissionais têm o potencial de enriquecer a pesquisa ao oferecer uma visão da próxima geração de comunicadores.

A importância acadêmica desta pesquisa reside na sua capacidade de expandir o conhecimento sobre a interseção entre gênero, política e comunicação. A pesquisa oferece uma abordagem interdisciplinar. Isso contribui para a compreensão mais ampla das representações visuais na esfera da política. Além disso, oferece uma análise crítica das imagens políticas, explorando como o gênero molda as interpretações.

A seleção do tema de pesquisa foi motivada, em parte, por considerações pessoais da pesquisadora, que demonstra interesse na área do fotojornalismo e nas complexidades associadas às interpretações que as imagens podem proporcionar. Adicionalmente, a pesquisadora reconhece a importância de promover discussões sobre questões de gênero no contexto visual, destacando a necessidade de abordar e compreender as representações de gênero presentes no fotojornalismo. Além disso, a abordagem centrada no gênero destaca a preocupação da pesquisadora em trazer à tona questões sociais relevantes, promovendo uma análise mais aprofundada das representações de gênero presentes nas imagens jornalísticas. Dessa forma, a pesquisa não apenas atende a interesses pessoais, mas também se alinha a uma perspectiva mais ampla de responsabilidade social e acadêmica.

O capítulo 2 visa aprofundar o entendimento do conceito de gênero, e explora suas origens e evolução ao longo do tempo. Inicialmente, será explicado o conceito do gênero que tem apoio baseado nas diferenças biológicas, porém, argumenta-se que a compreensão de questões de gênero vai além dessa perspectiva, sendo construída socialmente. Foi utilizada a socióloga Heleieth Saffioti (2015) que afirma que o termo gênero tem como uma de suas origens a insatisfação com o



essencialismo biológico. O capítulo ressalta a redefinição contemporânea do termo "gênero" por pensadores modernos, trazida principalmente, pela historiadora Joan Scott (2002) e fornece uma visão geral sobre o movimento feminista, incluindo considerações sobre a presença da mulher no cenário político, a partir de concepções dos pesquisadores Flávia Biroli e Luis Felipe Miguel (2015).

O terceiro capítulo se dedicará a explorar teorias relacionadas à fotografia e está dividido em quatro tópicos: Fotografia, A fotografia enquanto meio informativo, Análise da imagem e Compreensão da imagem no contexto sociocultural. Ele examinará o papel do fotojornalismo, que se caracteriza como uma vertente da fotografia voltada para a comunicação clara e objetiva. O texto investigará teorias que delineiam a evolução histórica do fotojornalismo, analisando a interconexão entre a fotografia e seus significados. É enfatizada a importância do registro visual no cenário político, ressaltando sua função vital na documentação de eventos importantes, incluindo transformações sociais e a crescente representação das mulheres. O capítulo utilizou, para fundamentar a pesquisa, os autores Marie-Loup Sougez (2001), Jorge Pedro Sousa (2004), Ivan Lima (1988) e Martine Joly (1994).

A pesquisadora analisou as respostas dos gêneros feminino e masculino, pois não obteve respostas de outros gêneros. A partir da coleta das respostas, foram colocadas dentro de quatro categorias: Desigualdade, Representatividade, Política e Gênero, com a ajuda da ferramenta AntConc. A partir dessa etapa, as interpretações foram relacionadas, encontrando assim, nuances que demonstrassem semelhanças e diferenças.

## 2. DIFERENÇAS DE GÊNERO

O termo gênero surgiu partindo das diferenças biológicas que definem identidades - o gênero masculino e o gênero feminino. Entretanto, no sentido político que é utilizado atualmente, manifestou-se com força a partir de 1980, sendo construído com a colaboração de teóricas do feminismo. O conceito de gênero atual busca questionar e contrapor a hierarquização social imposta por uma sociedade que se baseia em uma ideia de poder histórica e culturalmente estabelecida (Veiga; Pedro, 2019, p.330-331).

Para o sociólogo Pierre Bourdieu (1998, p.20), a palavra gênero é definida da seguinte forma: “[...] é o princípio de visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social [...]”. Bourdieu enfatiza que a definição social dos órgãos sexuais está distante de ser uma determinação natural, mas diretamente ligada a uma percepção. É uma construção realizada a partir de uma série de escolhas estabelecidas. Essa diferenciação ainda pode ser feita a partir da acentuação de diferenças ou do apagamento de semelhanças.

A socióloga Heleieth Saffioti (2015, p.117) afirma que o termo gênero tem como uma de suas origens a insatisfação com o essencialismo biológico. O termo essencialismo biológico refere-se à designação feita pela sociedade de um indivíduo a partir da sua condição biológica, por exemplo, a transformação do bebê em mulher ou em homem. A autora enfatiza que o termo gênero acaba sendo utilizado como instrumento de poder e que essa autoridade poderia ser partilhada entre os gêneros<sup>1</sup>, proporcionando liberdade para todos. Caso contrário, cria desigualdades sociais:

Definir gênero como uma privilegiada instância de articulação das relações de poder exige a colocação em relevo das duas modalidades essenciais de participação nesta trama de interações, dando-se a mesma importância à integração por meio da igualdade e à integração subordinada (Saffioti, 2015, p.121).

---

<sup>1</sup> Neste trecho não está sendo abordado apenas o cisgênero. A autora Letícia Nascimento (2021), no livro *Transfeminismo*, cita algumas identidades de gênero “É importante demarcar que o termo “trans\*”, com asterisco, sinaliza a ideia de abarcar uma série de identidades não cisgêneras. De modo particular, as seguintes identidades estão contempladas no termo “trans\*”: transexuais, mulheres transgêneras, homens transgêneros, transmasculines e pessoas não binárias (Nascimento, 2021, p.16).

Saffioti (1969, p.39) observa que a sociedade de classes, por exemplo, coloca a mulher em um cenário de elemento obstrutor do desenvolvimento social dentro da produção capitalista. A socióloga explica que, no processo de individualização inaugurado pelo modo de produção do capitalismo, a mulher é desvalorizada socialmente em dobro: na dimensão superestrutural, que trazia subvalorização das capacidades femininas, vindo de mitos da supremacia masculina; e no plano estrutural, o qual mostrou que na medida em que cresciam as forças produtivas, a mulher foi sendo marginalizada do sistema de produção. Os desafios enfrentados pelas mulheres são moldados pelas demandas da ordem predominante em uma sociedade competitiva, em vez de serem guiados pelas aspirações individuais das mulheres em busca de realização no trabalho

A desigualdade traz à tona a luta das mulheres por condições melhores, que foram, majoritariamente, distintas dos homens devido ao poder imposto pela dominação masculina. Existe disparidade entre as expressões das diferenças e as desigualdades e, ao invés da diferença de gênero ser tratada apenas como uma expressão, foi utilizada como uma forma de hostilizar o recorte de gênero denominado feminino (Saffioti, 2015).

Para Melo, Malfitano e Lopes (2020, p.1064-1065), trabalho e vínculos relacionais são condutores para a desigualdade social. Mas, quando se fala sobre desigualdades de gênero, esses dois eixos não são o bastante para explicar a realidade social. O contexto das desigualdades de gênero, sexualidade, geração, raça e regionalidade se expressam fortemente na convivência social e na construção e reinvenção dos modos de viver, ou seja, mostrando que a desigualdade não permanece somente nos dois alicerces citados anteriormente - trabalho e vínculos -, não se encaixa somente na sociedade capitalista.

Os autores ressaltam que os marcadores sociais da diferença cumprem um papel fundamental para entender as desigualdades sociais de uma forma mais abrangente. A identificação desses marcadores evidencia que as pessoas são afetadas por uma variedade de fatores sociais, culturais e identitários.

Essas desigualdades mencionadas, denominadas aqui como marcadores sociais da diferença, permitem-nos colocar luz e somar outras referências para pensar os cotidianos, as atividades e a participação social, frente a um contexto de intensas desigualdades sociais (Melo; Malfitano; Lopes, 2020, p.1065).

Os autores do artigo fazem uma síntese do conceito trazido por Moutinho (2014) sobre os grupos marcados socialmente por diferenças. No trecho, eles abordam que existem pessoas na sociedade que possuem características e identidades específicas que as diferenciam de outras pessoas. Essas diferenças podem ser baseadas em diversos fatores, como gênero, raça, etnia, orientação sexual, idade, classe social, religião e outras características identitárias. Complementam que as características são colocadas a partir da cultura da própria sociedade e acabam sendo naturalizadas. Com a naturalização desses aspectos, a coletividade transforma a diferença em um fator de desigualdade (Vega, 2008 apud Melo; Malfitano; Lopes, 2020, p.1064-1065).

Esses grupos marcados socialmente muitas vezes enfrentam desafios, preconceitos e discriminação devido às suas diferenças. Isso pode afetar as experiências de vida, oportunidades e acesso a direitos. O marcador social da diferença de gênero é um dos fatores que marginalizam as mulheres em diversos aspectos e setores da sociedade.

Segundo na lógica de que a cultura de uma coletividade é capaz de constituir a desigualdade entre grupos com marcadores sociais diferentes, conseqüentemente, é elencado um dominador. “Por dominação deve entender-se a probabilidade de encontrar obediência a um mandato de determinado conteúdo entre pessoas dadas” (Weber, 1964, p. 43, 16 apud Saffioti, 2015, p.125). Segundo a historiadora Heleieth Saffioti, a dominação é caracterizada pela possibilidade de um determinado grupo ser obediente ao outro (p.170). O patriarcado surge a partir da dominação masculina, tornando-se uma característica de dominação dentro das relações de gênero:

[...] poder-se-á afirmar que o ser social, à medida que se diferencia e se torna mais complexo, muda sua relação tanto com a esfera ontológica inorgânica quanto com a esfera ontológica orgânica, elevando seu controle sobre ambas. Os seres humanos, que tinham uma relação igual e equilibrada entre si e com os animais, transformaram-na em controle e dominação. O patriarcado é um dos exemplos vivos deste fenômeno. (Saffioti, 2015, p. 128)

A sociedade patriarcal que foi se constituindo tornava a mulher cada vez mais dependente do homem. A mulher dependia economicamente do homem e isso era uma norma ditada pela tradição. A obediência aos homens era, muitas vezes, justificada como uma forma de proteção, mas a realidade é diferente. A autoridade

era utilizada como forma de controle e opressão, limitando as liberdades e oportunidades das mulheres, reforçando as desigualdades de poder.

Em contraponto com o que foi exposto até o momento, o pesquisador Rafael de Tilio, em seu artigo sobre teorias de gênero, cita autores na busca de apresentar propostas diferentes, com perspectivas contemporâneas. Ele faz uma síntese do ponto de vista da psicanalista Élisabeth Roudinesco (2008) sobre conceito de gênero.

Segundo Tilio (2014), Roudinesco (2008) propõe que o conceito de gênero vem sendo difundido desde o século XVI no Ocidente por diversas perspectivas, principalmente pelo catolicismo. Isso sugere que a religião desempenhou um papel importante na formação das ideias sobre gênero e sexualidade. No século XIX, o conceito da diferença de gênero foi aprimorado por correntes científicas, como a neurobiologia, neuropsicologia, sociologia genética e darwinismo social. Esses estudos científicos justificaram as diferenças de gênero com base nas diferenças biológicas, defendendo que as diferenças anatômicas e fisiológicas entre os sexos influenciam as características psicológicas e sociais dos indivíduos. Por fim, o autor resume a ideia de Roudinesco: “A diferença biológica dos sexos definiria rígidos papéis de gênero e de vivência da sexualidade” (Tilio, 2014, p.128).

A pesquisadora Araújo (2005, p.44), em seu artigo sobre diferença e igualdade de gênero, explica o que é gênero sob o olhar da antropóloga Marilyn Strathern (1988).

Para ela, gênero é apenas um meio de aglutinar, em uma determinada sociedade, o modo como se organizam as práticas e as idéias em torno dos sexos e dos objetos sexuados. Portanto, é uma categoria empírica, que assinala uma descontinuidade entre corpos, objetos, eventos etc de uma determinada ordem simbólica particular (Araújo, 2005, p.44).

Strathern trata o conceito de gênero de uma forma diferente do que foi colocado até o momento. Acredita que o termo é construído a partir de categoria empírica, ou seja, que é estudado e observado de forma prática ao longo de situações do cotidiano. Ela entende como algo concreto e que está enraizado nas práticas sociais e interações humanas.

O conceito de gênero é discutido tanto na categoria histórica quanto na política, tendo em vista que faz parte da história da humanidade e da relação entre

os homens e as mulheres. O termo está presente em diversos discursos - filosófico, religioso, biológico/científico, psicológico, antropológico e social (Araújo, 2005, p.44). Mas é a partir de meados de 1980 que se inicia uma nova vertente sobre a diferença de gênero proposta pela historiadora Joan Wallach Scott. Ela define gênero como o conjunto de experiências subjetivas que induzem uma construção de identidade de gênero, constituídos no vínculo de poder promovidas nas relações entre homens e mulheres (Tilio, 2014, p.133).

## **2.1 DIFERENÇA E IGUALDADE NAS RELAÇÕES DE GÊNERO**

Pesquisadores questionam como as diferenças sexuais influenciam na construção das relações sociais em situações específicas. A pesquisa de gênero busca compreender como as diferenças de gênero são socialmente construídas, reproduzidas e contestadas em uma variedade de contextos e espaços sociais. Ela explora as maneiras pelas quais as normas e as representações de gênero influenciam a vida das pessoas e as relações sociais, sem assumir definições preestabelecidas sobre o que é ser "homem" ou "mulher". Isso permite uma compreensão mais rica e complexa das dinâmicas de gênero na sociedade.

Pode-se pensar nas condições de desigualdade, nas manifestações, nas ideias sobre sexualidade, maternidade, paternidade, nas relações familiares ou de trabalho, nas ideias veiculadas pelos meios de comunicação. É possível refletir também sobre o âmbito dos discursos científicos como a medicina, história e a biologia. A amplitude de espaços possíveis a serem pesquisados é em razão das representações de gênero estarem presentes e ativas em diversas esferas da sociedade (Pinsky, 2009, p.164).

No ensaio da pesquisadora Pinsky (2009) é explicado a definição de gênero e a forma como o conceito interfere nas relações sociais sob o olhar da historiadora Joan Scott, que compreende o gênero como categoria de análise. Para Scott, gênero parte de duas proposições: "a) gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e b) gênero é um modo primário de significar relações de poder." (Pinsky, 2009, p.165). Na primeira concepção, o gênero é visto como uma construção realizada pela sociedade com base na identidade de gênero e nos papéis que os indivíduos de cada sexo desempenham. Na segunda ideia o gênero é proposto como categoria de

análise, busca a compreensão das dinâmicas de poder que são associadas às definições de gênero.

Pensando em uma forma mais profunda sobre a ideia de gênero, Scott cita quatro elementos que podem operar em conjunto. A pesquisadora Pinsky faz uma síntese desses elementos.

a) símbolos que evocam múltiplas representações (por exemplo, Eva e Maria, inocência e corrupção, virtude e desonra); b) conceitos normativos que evidenciam as interpretações e os significados dos símbolos (doutrinas religiosas, regras sociais, científicas, políticas), e que remetem a afirmações dominantes dependentes da rejeição ou repressão de possibilidades alternativas; c) política, instituições e organização social, noções e referências que devem ser incluídas nas análises, pois gênero é construído tanto no parentesco quanto na economia e na política; e d) identidade subjetiva (Pinsky, 2009, p.165).

No primeiro elemento - símbolos que evocam múltiplas representações - é compreendido que a definição de gênero é, também, idealizada a partir de símbolos que evocam diferentes representações. Pensando neste contexto, Scott coloca como exemplo Eva e Maria. Essas representações carregam, devido a todo um contexto histórico, a simbologia de corrupção e inocência, desonra e virtude.

O segundo componente é: conceitos normativos e significados dos símbolos. Aqui, é destacada a importância da análise dos conceitos que estabelecem os padrões de comportamento que asseguram as interpretações atribuídas aos símbolos de gênero. Dentro deste aspecto estão as doutrinas religiosas, regras sociais, científicas e políticas. A compreensão desses conceitos normativos pode evidenciar o debate implícito por trás da rigidez das representações hierárquicas de gênero, já que a perspectiva biológica argumenta que existem diferenças geneticamente determinadas entre os sexos que justificam a divisão estrita.

No terceiro elemento - política, instituições e organização social - Scott (1986) ressalta que gênero não é apenas uma determinação individual, implica em estruturas políticas, institucionais e sociais. As análises do gênero devem considerar o conceito também a partir da economia e política.

Na identidade subjetiva, o último componente, é argumentado que se deve atentar à identidade subjetiva da definição de gênero. Basicamente, a historiadora defende que gênero não é apenas uma categoria externa, mas também algo

internalizado por indivíduos. Isso se relaciona com a forma como as pessoas percebem a si mesmas e como se identificam (Pinsky, 2009, p.165).

Após colocar a definição de gênero de forma mais minuciosa, percebe-se que o termo não pode ser olhado como um conceito isolado, de um só indivíduo. O contexto das mulheres no mundo não pode ser analisado de forma separada da história dos homens, pois não são esferas separadas. Segregar um sexo do outro reforça a ideia de que um não tem nada a ver com o outro (Araújo, 2005, p.42).

A pesquisadora Araújo (2005) faz análise da proposta de Scott sobre a relação social de gênero. Conclui que “as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um único sentido.” (Araújo, 2005, p.43). Argumenta que o gênero foi colocado em posição que permite, de certa forma, uma postura de poder no Ocidente, nas tradições judaico-cristã e islâmica. Mas, vale ressaltar que as relações de poder não se dão somente a partir da condição de gêneros diferentes. A teoria de Pierre Bourdieu (1998) explora sobre a divisão sexual do trabalho. O sociólogo propõe a ideia de que a diferença biológica entre os sexos, a diferença entre os órgãos sexuais do corpo masculino e do corpo feminino, é usada como argumento da diferença social construída entre os gêneros e nessa perspectiva entra a questão da divisão sexual do trabalho.

A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os habitats: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais (Bourdieu, 1998, p.45).

No artigo de Araújo (2005) também é abordada uma perspectiva desenvolvida pela feminista francesa Françoise Collin (1992) que defende a igualdade e a diferença. Araújo faz uma síntese a partir da ideia de Collin em relação à diferença que, segundo a feminista francesa, se dá em três níveis: “entre o sujeito-mulher e a sua condição de mulher; entre as mulheres; e entre as mulheres e o mundo dos homens” (Araújo, 2005, p.45). Sobre o sujeito mulher, a filósofa compreende que a mulher não se reduz apenas à feminilidade: é um ser heterogêneo. Na segunda



categoria, sobre a diferença, explica que as mulheres precisam fomentar entre si uma nova forma de sociabilidade, a qual inclua as diferenças. Por fim, no último nível, sobre as diferenças entre as mulheres e o mundo dos homens, Collin destaca a necessidade de um novo entendimento dessa relação. A proposta de Colin é criar um espaço para um diálogo contínuo e um constante jogo dialético entre esses princípios. Nessa perspectiva, a pluralidade e o diálogo são considerados fundamentais.

Araújo (2005) traz uma perspectiva sobre o olhar da filósofa Collin (1992) em relação à igualdade e à diferença, e desconstrói a ideia de oposição entre os dois conceitos. A compreensão de que a igualdade não extermina a diferença e a diferença não impede que a igualdade também seja defendida pela historiadora Scott (1998). “Desconstruída essa antítese, diz Scott, será possível não só dizer que os seres humanos nascem iguais, mas diferentes, como também sustentar que a igualdade reside na diferença” (Araújo, 2005, p. 46). Segundo a pesquisadora, Scott afirma que o uso do discurso da diferença entre homens e mulheres pode ser usado para reforçar estereótipos de gênero e, de certa forma, ocultar as verdadeiras desigualdades e assimetrias de poder que existem na sociedade, por exemplo, no comportamento, no caráter, no desejo, na subjetividade, na sexualidade, na identificação de gênero e na experiência histórica.

Segundo Araújo, a diversidade de identidades de mulheres e homens supera as definições de masculino e feminino. Pensando dessa forma, é necessária a exclusão da ideia de oposição da igualdade e diferença e aceitar que há diferenças nas identidades individuais e coletivas.

## **2.2 FEMINISMO COMO FORMA DE REAÇÃO À DOMINAÇÃO MASCULINA**

O feminismo esteve presente na história ocidental a partir das últimas décadas do século XIX. Em termos gerais, é um movimento em que mulheres, coletiva ou individualmente, lutam pela liberdade, direitos e igualdade. Na época inicial do ativismo feminista, as mulheres, na Inglaterra, lutavam pelo direito ao voto (Pinto, 2010, p.15). No livro *Feminismo e política* o autor Miguel (2014), explica que as mulheres queriam exercer seu papel de cidadã, atuando na esfera pública da sociedade. Entretanto, o conceito de cidadania foi construído a partir da posição do homem branco, proprietário de terras e de determinadas classes sociais.

Teles (1993) explica que o feminismo defende os grupos oprimidos em todas as áreas dentro da sociedade.

O feminismo é uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres, Essa opressão se manifesta tanto a nível das estruturas como das superestruturas (ideologia, cultura e política). Assume formas diversas conforme as classes e camadas sociais, nos diferentes grupos étnicos e culturas (Teles, 1993, p.10).

As mulheres que contestaram a realidade no final do século XIX ficaram conhecidas como as sufragistas, as quais realizaram grandes manifestações em Londres. As sufragistas se destacaram por suas ações e manifestações em prol do sufrágio feminino. Dentre os atos de protesto, as sufragistas fizeram greve de fome e, durante uma corrida de cavalo em Derby, em 1912, a feminista Emily Davison morreu ao se atirar em frente ao cavalo do rei. Somente em 1918, no Reino Unido, o direito ao voto feminino foi conquistado. Essa conquista representou um marco importante na luta das mulheres por igualdade de direitos e também para o desenvolvimento de novas ondas do movimento feminista (Pinto, 2010, p.15).

No Brasil, a primeira onda do feminismo não foi muito diferente da inicial nas demais localidades. Aqui a luta também era pelo direito ao voto e iniciou em 1910 com a liderança de Bertha Lutz, bióloga e cientista. Ela estudou no exterior e quando retornou ao Brasil iniciou o movimento em prol do sufrágio feminino. Lutz foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que fez campanha pública pelo voto. O direito a votar foi conquistado em 1932 (Pinto, 2010, p.15 - 16).

Durante o período da década de 30 até 1960, o feminismo foi perdendo força, tanto nos Estados Unidos, quanto no Brasil. O movimento retornou na década de 60. Entretanto, em 1949 surgiu um livro que marcou a nova fase do ativismo feminino: *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir. Nele, ela estabelece um preceito com a famosa frase: “não se nasce mulher, se torna mulher” (Simone de Beauvoir, 1949 apud Pinto, 2010, p.16). A frase de Beauvoir traz o argumento de que a sociedade delega papéis e normas específicas às pessoas com base no gênero definido e essas interferências culturais e sociais moldam a identidade de gênero de uma pessoa. Na Europa e nos Estados Unidos, na década de 1960, o movimento feminista retornou com força, defendendo, desta vez, uma nova forma de

relacionamento entre homens e mulheres. A reivindicação principal era adquirir liberdade e autonomia sobre a própria vida e corpo (Pinto, 2010, p.16).

No Brasil, a década de 1960 apresentou particularidades. Inicialmente, o país teve grande movimentação com a chegada da música Bossa Nova. O ex-presidente do Brasil, Jânio Quadros, renunciou em 1961. O ano de 1964 deu início à ditadura militar, mas foi em 1968, através do Ato Institucional nº 5 (AI-5), que o regime ganhou maior força. Ainda, durante o regime militar, em 1970, ocorreram as primeiras manifestações feministas no Brasil. Em 1975 a ativista Terezinha Zerbini lançou o Movimento Feminino pela Anistia. Com o processo de retomada da democracia em 1980, o feminismo no Brasil ganhou força. Os grupos discutiam diversos assuntos como “violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais” (Pinto, 2010, p.17). O movimento feminista brasileiro era, inicialmente, uma luta de mulheres da classe média, mas, na medida em que foi ganhando força e crescendo, mulheres de classes populares foram se unindo e assim, novos discursos foram surgindo, com esta inserção, o movimento se tornou mais inclusivo. Na mobilização, incluía reivindicações relacionadas à pobreza, ao acesso à educação, à desigualdade no mercado de trabalho e à maternidade.

Em 1984, o feminismo obteve uma conquista de grande relevância: a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM). Com isso, foi garantido que a Constituição reconhecesse e protegesse os direitos das mulheres.

Do esforço resultou que a Constituição de 1988 é uma das que mais garante direitos para a mulher no mundo. O CNDM perdeu completamente a importância com os governos de Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso. No primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva, foi criada a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, com status de ministério, e foi recriado o Conselho, com características mais próximas do que ele havia sido originalmente (Pinto, 2010, p.17).

Na última década do século XX, a mobilização focou em aprovar medidas protetoras para as mulheres e buscar espaços para a sua maior participação política. Pinto (2010) ressalta que as feministas centralizavam questões contra a violência doméstica. Ainda segundo a pesquisadora, a Lei Maria da Penha (Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006) foi uma das maiores conquistas da luta.

Com isso, é concluído que, a condição de dominação que o patriarcado impõe sobre as mulheres, as reduz como membros da sociedade e, como argumento, se utilizam da diferença entre os sexos. Podemos enxergar que as mulheres tiveram que lutar por muitas décadas para ter direitos sobre o seu corpo, sobre o voto, sua relação entre as construções de gênero, no trabalho, dentre tantas outras questões sociais. A mulher está, constantemente, lutando por espaço, por direitos e por igualdade. Ela enxerga a conquista e entende a luta.

Mais de um século depois da conquista do sufrágio feminino, as mulheres seguem marginalizadas na política. A divisão desigual do trabalho entre os gêneros resulta em barreiras à igualdade de oportunidades. Além de todas as questões que inferiorizam o papel da mulher, ainda existe o estereótipo que define o gênero feminino como menos interessado pela política. Devido ao patamar inferior que o grupo é colocado favorece a sub-representação em diversos cenários, inclusive da política brasileira. No ano de 2010 houve a eleição de uma mulher para a Presidência da República no Brasil. O resultado obtém um efeito simbólico para a luta das mulheres (Biroli; Miguel, 2015, p.12).

De acordo com os autores Miguel e Biroli (2015), no livro sobre feminismo e política, um dos argumentos que as empresas utilizam para rebaixar a posição das mulheres no mercado de trabalho é, em razão, de serem menos competitivas, menos focadas e com menos interesse em fazer carreira e serem promovidas. Essa afirmação é utilizada para efeito das relações de dominação. No capítulo A igualdade e a diferença, Miguel (2015) cita uma frase da autora Anne Phillips sobre a desigualdade na esfera pública, “se os níveis de participação e envolvimento têm coincidido tanto com diferenças de classe, gênero ou etnicidade, isso deve ser tomado como evidência *prima facie* de desigualdade política” (Phillips, 1995, p.32 apud Miguel, 2015, p.76). As desigualdades estruturais na sociedade limitam o acesso e oportunidades de determinados grupos a atuar e influenciar nas decisões políticas. Vale lembrar que essa afirmação não contribui apenas para essa esfera, mas para outros tipos de atividades também. Miguel (2015) conclui o capítulo observando que a igualdade defendida é aquela que aceita a diferença de cada um. “A diferença que se associa à igualdade é aquela que permite a livre expressão das individualidades, não a que aprisiona indivíduos e grupos em posições estereotipadas” (Miguel, 2015, p.77).

A falta de diversidade e inclusão na política pode levar a decisões que beneficiam apenas uma parte da população. Uma sociedade que preze pela igualdade deve respeitar a diversidade de todos que pertencem à ela, garantindo que tenham oportunidades e direitos, independentemente de suas diferenças. Dessa forma, cada indivíduo poderá contribuir para o bem-estar como um todo.

### 3. FOTOGRAFIA

Há diversas datas dentro do século XIX que são consideradas marcos do começo da fotografia. Segundo Sougez (2001, p. 35), durante muitos anos foi considerado que a primeira fotografia conhecida de uma natureza morta era datada de 1822. Entretanto, o colecionador e historiador Helmut Gernsheim (1913 - 1995) contestou a afirmação com uma fotografia chamada *o ponto de vista*. Esse nome era dado por Joseph Nicéphore Niépce (1765 - 1833) às imagens tiradas ao natural. Era a vista de uma propriedade observada por uma janela, que corresponde ao ano de 1816. Mas a primeira fotografia que obteve êxito do mesmo local, foi em 1826 produzida por Gernsheim (Sougez, 2001, p.35).

Contudo, mesmo que a fotografia não tenha sido criada por Niépce, o autor da obra expõe que sua presença nesse ato foi de extrema importância. Por isso, ele é considerado o pai da fotografia. Seu papel não se resume às manipulações químicas. Existe o Museu Niepce de Chalon-sue-Saône, que abriga material produzido por ele em seu laboratório de Gras. As ferramentas foram descobertas em 1861 por Jules Chévrier, vice-presidente da autarquia de Chaon, em uma das propriedades dos Niepce.

A fotografia passou por diversas evoluções, dentre elas, a fixação em papel, a reprodução e a divisão por tipos de áreas. Sougez (2001) cita o fotojornalismo, a fotografia de viagem, a social, a publicitária, a documental, entre outras. Apesar do avanço dentro da área e passados 207 anos da criação da primeira fotografia, ainda existe a discussão sobre se a fotografia ser o espelho do real. O ato de fotografar faz o recorte de um todo temporário que está sendo visível, formando a imagem da parte de um momento. “Um dos traços característicos da fotografia é a sua possibilidade de isolar momentos do tempo” (Mcluhan, 2008, p. 195 apud Renó; Cardoso e Freixa, 2021, p. 44).

Dubois (1998), em um percurso histórico, cita que críticos e teóricos da fotografia percorrem três possíveis relações entre as imagens e seus referentes. O trajeto passa por: 1) a fotografia como espelho do real (O discurso da mimese); 2) a fotografia como transformação do real (O discurso do código e da desconstrução) e 3) a fotografia como traço de um real (O discurso do índice e da referência).

A primeira proposta defende que a fotografia é o espelho do real, imita a realidade. Esse aspecto foi atribuído à semelhança entre a foto e o seu referente. Já

a segunda perspectiva fala sobre a fotografia como transformação do real. A ideia de espelho do real foi reavaliada e passou a ser colocada com uma “impressão” ou “efeito” do que foi registrado da realidade.

Com esforço tentou-se demonstrar que a imagem fotográfica não é um espelho neutro, mas um instrumento de transposição, de análise, de interpretação e até de transformação do real, como a língua, por exemplo, e assim, também, culturalmente codificada (Dubois, 1998, p.26).

Na terceira abordagem, a fotografia é vista como traço de um real no discurso do índice e da referência. Nesta concepção, a fotografia é percebida a partir da sua relação com o mundo real. O índice refere-se a uma evidência de que algo real aconteceu naquele momento e a referência é a cena a qual a fotografia se refere. Dubois (1998) afirma que, segundo J. Derrida, a fotografia é relacionada ao referente real e que apesar de todo o conhecimento sobre códigos e construções envolvidas na fotografia, o telespectador tende a atribuir autenticidade ao que é visto. A cena fotografada é uma representação do real, entretanto, é mediada e interpretada. O objeto fotografado é influenciado pelas escolhas do fotógrafo e interpretação do telespectador (Dubois, 1998, p.26).

Martine Joly (1994, p.9-10) observa que a utilização das imagens é muito comum em nossa vida cotidiana. Ela argumenta que tanto no sentido de olhar como de criar, as pessoas estão constantemente envolvidas com as fotografias. Além disso, menciona que não apenas olhamos as imagens, temos a tendência de analisar e interpretar. Com isso, Joly acredita que as imagens possuem significados e mensagens que podem ser extraídos. A pesquisadora menciona a existência de um paradoxo. Diz que, por um lado, nós entendemos as imagens de forma natural, pois acredita-se que a interpretação da imagem seja uma habilidade básica para os seres humanos. Por outro lado, ela ressalta que podemos ser influenciados pelas fotografias de maneira inconsciente, principalmente quando os fotógrafos e fotógrafas manipulam as imagens para fazer com que a pessoa que esteja fazendo a leitura possa acreditar na mensagem que ele quer passar.

A questão da interpretação e da manipulação da fotografia é um assunto complexo e que, dentro do fotojornalismo, os fotógrafos e fotógrafas tomam maior cuidado para registrar uma imagem o mais semelhante do real.

O foto-repórter tem de discernir a ocasião em que os elementos representativos que observa adquirem um posicionamento tal que permitirão ao observador atribuir claramente à mensagem fotográfica o sentido desejado pelo fotojornalista. Em princípio, o foto-repórter deverá ainda procurar evitar os elementos que possam distrair a atenção, bem como aqueles que são desnecessários ao bom entendimento da situação representada (Sousa, 2004, p.10).

Em um primeiro momento, Joly (1994) questiona se as imagens são uma criação da cultura humana ou se tem relação com a natureza. A autora faz referência a uma definição antiga atribuída a Platão, na qual defende que as imagens incluem sombras, reflexos na água e representações em superfícies, assim como tudo que utiliza o processo de representação. Com isso, segundo a ideia de Platão, as imagens são representações artificiais ou sombras e reflexos e não uma representação direta da natureza.

Refletindo sobre a ideia que Platão passa sobre as imagens, no contexto da fotografia pode se fazer algumas conexões. Platão via as imagens no mundo físico como representações imperfeitas das formas ideais, a fotografia é uma representação da realidade. No entanto, a fotografia é uma representação mais direta do mundo físico do que a pintura ou a escultura. Assim como as sombras e reflexos para Platão, as fotografias capturam apenas um momento no tempo e uma perspectiva específica da realidade. Semelhante à maneira como Platão argumentava que a percepção humana das imagens podia ser influenciada e distorcida, as fotografias também podem ser manipuladas e interpretadas de várias maneiras. O uso de filtros, edição digital e escolhas criativas do fotógrafo podem alterar significativamente a aparência de uma fotografia.

### **3.1 A FOTOGRAFIA COMO FORMA DE INFORMAÇÃO**

O fotojornalismo faz parte de uma das categorias da fotografia e tem como principal objetivo, informar. A fotografia jornalística é usada como forma de veículo para a observação, a informação e o registro sobre a vida humana. Ela mostra, revela, expõe, denuncia, opina, dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual. (Sousa, 2004, p.5). Sousa (2002) explica que o campo do fotojornalismo é difícil de definir, mas para delimitar de uma forma mais precisa, este tipo de fotografia deve possuir valor jornalístico para transmitir informação em conjunto com o texto que estará associado à imagem.



A jornalista Marcilene Forechi (2020) destaca que o fotojornalismo tem em sua essência o ato de informar e transmitir informações de forma clara e objetiva através de imagens. Forechi considera o fotojornalismo uma especialização do jornalismo. Ela sugere que a área é uma junção da prática fotográfica com a ética jornalística.

Pode-se dizer que o fotojornalismo é um dos ramos do trabalho com a fotografia, com algumas especificidades, que pode também ser considerado uma especialização do jornalismo. Seu objetivo é levar informação clara e objetiva por meio de imagens (Forechi, 2020, p.17 apud Santo, 2022, p.3).

Conforme a citação, a autora ressalta que essas imagens devem ser capazes de transmitir uma mensagem de maneira direta. As fotografias devem ser interpretadas de acordo com a mensagem que o fotógrafo quer passar. Entretanto, mesmo que o fotojornalismo tente ser o mais objetivo possível ao fotografar uma cena, a interpretação que o receptor fará depende de uma série de questões, como, por exemplo, seu repertório, contexto cultural, gênero e classe social.

No livro uma história crítica do fotojornalismo ocidental, Souza (2004) explica que a história do fotojornalismo percorre por diversas teorias. Assim como a fotografia é compreendida de algumas maneiras diferentes como ser o espelho do real, o fotojornalismo também é inserido nessa perspectiva. O autor situa que para Gernsheim e Gernsheim (1969), Geraci (1973) e Hoy (1986), a evolução da tecnologia nas máquinas fotográficas e na questão de estética da imagem, transformou as imagens em uma representação imagética da realidade perfeita. Essa concepção defende que a fotografia seria o espelho da realidade. Entretanto, em uma concepção contrária, Sousa cita que para Sontag (1986), Sekula (1984), Hall (1981) e Benjamin (1986) a fotografia se encontra no contexto da cultura, das ideologias, dos mitos e dos valores. Esses autores promoveram uma visão crítica sobre o papel político, ideológico e econômico dos fotógrafos. (Sousa, 2004, p.15-16).

Nascida num ambiente positivista, a fotografia já foi encarada quase unicamente como o registo visual da verdade. Foi nesta condição que foi adotada pela imprensa. Hoje, já se chegou à noção de que a fotografia pode representar e indiciar a realidade, mas não registá-la nem ser o seu espelho fiel (Sousa, 1997 apud Sousa, 2004, p.13).

O fotojornalismo, pensado em um sentido amplo, abrange uma variedade de atividades relacionadas à criação de fotografias para fins informativos, interpretativos, documentais ou ilustrativos em meios de comunicação, como a imprensa. As primeiras atividades colocadas por Sousa (1998) são a da finalidade e intenção. Nestes dois casos o objetivo principal é fornecer informações ao público, seja representando eventos da atualidade, documentando situações ou ilustrando matérias jornalísticas. O fotojornalismo pode cobrir as spot news, que são fotografias únicas que registram eventos instantâneos e seu significado, até reportagens mais elaboradas. O fotojornalismo lato sensu inclui algumas abordagens, como o fotodocumentalismo, que envolve a criação de séries de imagens para documentar uma história, também engloba fotos ilustrativas, que podem ser usadas para complementar reportagens (Sousa, 1998, p.5).

O foto-repórter tem de discernir a ocasião em que os elementos representativos que observa adquirem um posicionamento tal que permitirão ao observador atribuir claramente à mensagem fotográfica o sentido desejado pelo fotojornalista. Em princípio, o foto-repórter deverá ainda procurar evitar os elementos que possam distrair a atenção, bem como aqueles que são desnecessários ao bom entendimento da situação representada (Sousa, 2004, p.10).

As primeiras fotografias semelhantes ao fotojornalismo são percebidas a partir do registro de acontecimentos com o intuito de compartilhar as imagens com o público. Ao documentar os acontecimentos, o conteúdo tinha uma intenção testemunhal. Além disso, tornava a espécie humana mais visível a ela própria. Ou seja, capturavam imagens que pudessem retratar a vida cotidiana, as pessoas e os lugares. A fotografia é utilizada como forma de informação desde 1842, mas não é considerado ainda fotojornalismo. As fotografias jornalísticas começaram a ser desenvolvidas a partir do final do século XIX até meados do século XX (Sousa, 2004, p.25).

Um dos primeiros registros fotográficos da fotografia de “acontecimento” foi as consequências de um incêndio que destruiu um bairro em Hamburgo, na Alemanha, em 1842. Esse é um dos primeiros registros da utilização da fotografia como forma de documentar um fato. Esse processo foi realizado por Carl Friedrich Stelzner e tornou-se significativo na história, pois era o início da produção de imagens que capturavam a realidade e, posteriormente, compartilhavam com o público (Sousa, 2004, p.26).

Com o passar do tempo, os avanços tecnológicos exigidos pelo público, profissionais e consumidores promovem benefícios para o conteúdo das fotografias. É neste momento, no século XIX, que a prática fotográfica evolui e conquista a técnica. Dentre essas técnicas, é citada a redução do tempo da exposição, que permite a captura de uma cena em movimento de forma mais rápida, trazendo qualidade ao registro. Sousa (2004) também ressalta a melhoria da qualidade das lentes e a utilização de novos processos como o do colódio úmido.

Em 1951 começou a ser utilizada a técnica do colódio úmido na fotografia que substituiu gradualmente a técnica daguerreótipo, a qual, na época era tida como o processo dominante na produção das fotografias. Enquanto o daguerreótipo produzia fotografias únicas em placas de metal e sem a possibilidade de reprodução, o colódio úmido permitia a criação de negativos e, a partir disso, cópias poderiam ser feitas. O processo realizado a partir do colódio úmido permitia uma redução no tempo de exposição à luz para a produção da imagem. O avanço tornou mais prático o procedimento de retratar cenas em movimento. A conquista por congelar a ação foi vital para o fotojornalismo (Sousa, 2004, p.29).

A possibilidade de fazer cópias das fotografias resultou em maior alcance da sociedade sobre as produções, popularizando as fotografias. “Julgo mesmo, aliás, que foi através da popularização massiva da imagem fotográfica que se começou a delinear um mercado para o fotojornalismo” (Sousa, 2004, p.30). Em meados da década de cinquenta do século XIX as imagens permitiram a possibilidade de ser uma prova, um testemunho e uma verdade. Essa constatação vinha do conceito de que a fotografia era o “espelho do real”. (Sousa, 2004, p.33).

O fotojornalismo nasce em um contexto de guerra, a fim de documentar um conflito. Segundo Sousa (2004), a fotógrafa Marie-Loup Sougez considera Roger Fenton o primeiro repórter fotográfico, quando fotografou a **Guerra da Crimeia (1854 - 1855)**. Roger Fenton foi convidado pelo editor Thomas Agnew a participar como fotógrafo oficial do Museu Britânico, cobrindo o evento com fotografias com um viés jornalístico.

Como foi citado acima, o fotojornalismo teve seu início consolidado a partir da produção fotográfica de uma guerra. Segundo Clausewitz "a guerra é a continuação da política por outros meios" (Rémond, 2003, p.409). Em resumo, Clausewitz ressalta que a guerra não pode ser vista de forma isolada da política. Este tipo de conflito tem ligação direta à busca de objetivos políticos. O cenário de guerra é

compreendido como uma ferramenta política que os Estados utilizam para atingir os interesses. Com isso, é perceptível que as primeiras fotografias jornalísticas são produzidas em um contexto político.

Nos anos 1920, retratos de políticos e personalidades da sociedade civil passaram a fazer parte das capas dos jornais. Era uma foto única, formal e padronizada, semelhante à atual fotografia de documentos. Foi apenas no final desta década que imagens congeladas de acontecimentos em pleno andamento começaram a ganhar espaço na imprensa (Acorsi; Boni, 2006, p.02).

Segundo Sousa (1998), as primeiras fotografias jornalísticas de guerra não demonstravam morte e nem dor, apenas soldados e oficiais ou campos de batalhas sem cadáveres. As fotografias de Fenton mostram a falsa guerra. Contudo, mais a frente, sem a censura e com o objetivo de mostrar a realidade dos conflitos, as fotografias deixaram de apenas documentar aspectos visuais da guerra e começaram a ter o poder de influenciar a opinião pública e política.

[...] durante a Guerra da Secessão, sem censura, começa a revelar-se uma certa estética do horror, que, mais actualmente, dominou obras como a de Don McCullin ou as de uma parte dos fotojornalistas de guerra, mas que já se adivinhava, por exemplo, nas fotos de Felice Beato durante as Guerras do Ópio, na China, em 1860. As imagens de Beato da captura de Tientsin pelas tropas franco-britânicas não teriam sido sujeitas aos condicionalismos com que Fenton se defrontou, mostrando os cadáveres, por vezes em decomposição, dos que tombaram na luta (Sousa, 1998, p.29).

Trouxeram a realidade brutal do cenário para o público, afetando a percepção da política e do conflito para a população. O fotojornalismo tornou-se uma ferramenta política poderosa, utilizada para informar, persuadir e mobilizar a opinião pública em relação aos eventos políticos e militares.

Com sua forma de comunicação visual, as fotografias jornalísticas podem transmitir uma mensagem ou contar uma história, fazer um trajeto pelo contexto social. Na política, as fotografias são essenciais porque manifestam os valores e posicionamentos dos atores políticos. Neste âmbito há fotografias de momentos importantes como eleições, discursos, protestos e eventos históricos. Os registros visuais tornam-se o legado político de um país, documentam a evolução e os acontecimentos ao longo do tempo.

Sobre a questão do registro da evolução é ressaltado aqui a representação da mulher na política. Se há muitos anos a mulher não possuía o direito do voto,

atualmente, já tivemos uma presidente em 2010 no Brasil, Dilma Rousseff. Essa realidade representa a evolução da história no país e o ganho de espaço das mulheres. O papel da imprensa foi de suma importância, pois há fotografias de discursos feitos pela presidente. Esses registros demonstram o avanço da mulher na esfera política.

A proliferação vertiginosa de ensaios fotográficos com foco nos movimentos sociais têm evidenciado a contribuição da fotografia não apenas para o registro histórico desses processos, mas, sobretudo, para que se possa rever certas posturas, suprir lacunas e legitimar estratégias de lutas. Ao mesmo tempo em que resgatam o cotidiano da militância feminista, onde as possibilidades se apresentam como bandeiras que buscam a unidade/pluralidade do sujeito “mulheres”, enquanto estratégia política, o material histórico contemplado pela fotografia, remete a este lugar de pesquisadoras militantes feministas, em diálogo com o campo (Perucchi; Adrião, 2007, p. 469).

No ano de 2022 tivemos as eleições à presidência com quatro mulheres sendo candidatas. Ao longo do período eleitoral do ano de 2022, há em veículos de comunicação fotografias de mulheres cisgêneras, mulheres transexuais e negras – como é o caso da deputada Erika Hilton - atuando no cenário político. As fotografias jornalísticas dos períodos eleitorais demonstram a mudança e o espaço que as pessoas de gêneros diferentes alcançaram.

### **3.2 ANÁLISE DA IMAGEM**

Para analisar uma imagem, normalmente, é feita uma leitura superficial de uma forma mais geral, sem interpretações imediatas. São identificados os elementos visuais como as pessoas, os objetos, o cenário e as cores. Depois a composição, onde estão dispostos os elementos. Este modo de enxergar uma imagem é entendido como ponto de vista da significação (Joly, 2007, p.31).

A autora do livro Introdução à análise de imagem (2007), Martine Joly, explica que essas identificações dos elementos visuais são feitas a partir dos signos. Os indivíduos, quando socializados, aprendem a interpretar e atribuir significados em tudo que há ao redor, tanto aos aspectos naturais quanto aos culturais. Essa constatação sugere que tudo pode ser considerado um signo quando existe a capacidade de ser interpretado e dar algum significado.

O signo pode ser reconhecido através de um ou mais sentidos. Pode ser visto, ouvido, algo que pode ser cheirado ou tocado. Alguns exemplos de elementos

que podem ser reconhecidos a partir dos nossos sentidos são objetos, cores, música, perfume e comida.

Segundo Joly (2007), para o filósofo Pierce, a definição dos signos mantém uma relação com três elementos interconectados. Representamen ou Significante (St): Esta é a parte perceptível ou material do signo. É o que nossos sentidos percebem, como uma palavra escrita, uma imagem, um som, etc. O representamen é a forma visível ou audível do signo. Objeto ou Referente: Este é o que o signo representa ou se refere. É o mundo real ou conceitual ao qual o signo está relacionado. Interpretante ou Significado (Sd): Este é o significado ou a interpretação que fazemos do signo. É a compreensão ou associação mental que fazemos entre o representamen e o objeto (Joly, 2007, p.33 - 36).

O exemplo da imagem é ainda mais demonstrativo e pode ajudar a melhor compreender a natureza do signo: uma fotografia (significante) representando um alegre grupo de pessoas (referente) pode significar, de acordo com o contexto, foto de família ou, na publicidade, alegria ou convivência (significados) (Joly, 2007, p.37-38).

A semiótica é uma disciplina que estuda não apenas os signos individuais, mas também como eles funcionam em sistemas de comunicação, cultura e cognição, refletindo a dinâmica e a complexidade da interpretação dos signos. O signo é tudo aquilo que é passível de interpretação e significado. O foco da semiótica é na compreensão das estruturas de linguagem e nas dinâmicas culturais que moldam a comunicação e a interpretação dos signos. O estudo analisa a forma como os signos são usados para representar o mundo e como essas representações são compreendidas dentro de uma sociedade ou cultura específica.

### **3.3 COMPREENSÃO DA IMAGEM A PARTIR DO CONTEXTO SOCIOCULTURAL**

Em um primeiro momento podemos analisar uma fotografia facilmente, já que ela reproduz a realidade de forma direta. No momento de analisar uma imagem existem duas etapas: a percepção e a interpretação. Em geral, as pessoas se confundem achando que a fotografia é naturalmente legível, quando na verdade essa concepção se encaixa apenas na percepção e não na interpretação (Acorsi; Boni, 2006, p.03).

A percepção envolve o ato de reconhecer elementos ou motivos na imagem, ou seja, identificar os objetos, personagens e cenário que existem na fotografia. A interpretação é relacionada com a atribuição de significado aos elementos que constam na imagem, e neste momento, os autores ressaltam que essa atribuição pode variar de pessoa para pessoa, pois cada um pode ver e entender as coisas de maneira diferente. Essa análise mais profunda de uma imagem ajuda na compreensão de como as pessoas percebem e interpretam o mundo ao seu redor.

Os autores Acorsi e Boni, do artigo "A margem de interpretação e a geração de sentido no fotojornalismo" (2006), abordam um questionamento feito pela pesquisadora Joly (1996) sobre a leitura das imagens. A questão colocada no texto é se a interpretação do receptor condiz com a interpretação do autor, e logo após Joly diz ser uma dúvida sem uma resposta concreta. Além deste questionamento, ela ressalta que a interpretação de uma fotografia é subjetiva, pois a leitura depende das experiências e conhecimentos individuais. Duas pessoas podem ver a mesma imagem e tirar conclusões diferentes sobre o que ela representa.

Na primeira metade do século XIX o pesquisador Jacques Aumont (2014) propôs que a produção fotográfica fosse apenas uma técnica de captura de imagens e a forma mais perfeita de mimese do mundo real. Este tipo de técnica descreve o fotógrafo como neutro no processo (Hissa, 2015, p.72). Em contrapartida com a ideia de que a fotografia é uma imitação perfeita da realidade, teóricos como Hubert Damisch (1963), Pierre Bourdieu (1965), Jean-Louis Baudry (1968) ou Charles Sanders Peirce (1978) defendem que a imagem é uma linguagem visual que carrega significados e é diretamente influenciada por códigos culturais. Essa proposta desafia a noção de que a fotografia é uma reprodução literal do mundo. Os teóricos ajudaram a enriquecer a compreensão da imagem como uma forma de expressão cultural e comunicativa que interpreta o mundo de acordo com o contexto em que é produzida e recebida. (Cardoso, 2018, p. 126 - 127).

Segundo o autor Ivan Lima (1988), a leitura de uma fotografia passa por um processo composto por três etapas: percepção, identificação e interpretação. A percepção é totalmente óptica, que é o procedimento em que os olhos percebem as formas e as tonalidades principais, mas sem identificá-las. Esse momento é rápido, dura cerca de meio segundo. Na identificação o indivíduo observa e começa a identificar os objetos, pessoas, lugares e elementos. Neste momento ocorre uma correspondência entre as informações visuais com o conhecimento prévio do

espectador. A identificação pode ser objetiva, como reconhecer uma pessoa em uma foto ou subjetiva como identificar um sentimento.

Lima explica que a interpretação de uma fotografia é altamente subjetiva e que está diretamente ligada às experiências, perspectivas e bagagem cultural de cada pessoa. O autor ressalta que duas pessoas podem olhar para a mesma imagem e tirar conclusões muito diferentes porque a base para a leitura de uma imagem será apoiada nas próprias experiências de vida e crenças.

Quando os leitores fazem parte do mesmo meio sócio-cultural, tendem a fazer a mesma leitura de identificação, mas cada um interpreta da sua forma, em função de sua idade, de seu sexo, de sua profissão e de sua ideologia (Lima,1988, p.22).

O autor aponta que a fotografia tem um caráter polissêmico, que se refere à capacidade da imagem de ter diversos significados ou interpretações, justamente por ter a possibilidade de ser lida de várias maneiras, dependendo do contexto e das experiências do observador. O contexto em que uma fotografia é apresentada também desempenha um papel importante na interpretação. A mesma imagem pode adquirir significados diferentes em diferentes contextos.

No artigo de Acorsi e Boni (2006) os pesquisadores fazem relação entre a ideia de Lima com a concepção de Barthes no seu livro “o óbvio e o obtuso” (1990), no qual aborda a distinção entre mensagens fotográficas como literais e simbólicas. Barthes utiliza de uma fotografia publicitária de tomate para exemplificar a proposta. Ao olhar a figura representativa do tomate, o receptor pensa na fruta, sendo assim a mensagem literal ou, no caso da perspectiva de Lima, a percepção e identificação. Mas também pode ser pensado em uma macarronada e neste caso seria a mensagem simbólica ou a interpretação (Acorsi; Boni, 2006, p.4-5). Barthes destaca essa distinção entre o olhar para a fotografia com o intuito de evidenciar como a fotografia pode comunicar não apenas informações visuais diretas, mas também significados simbólicos e interpretações que são moldadas pelo contexto cultural do observador.

Por estas questões é necessário reconhecer que a interpretação da imagem é influenciada pela subjetividade de cada indivíduo, e em razão disso, essa forma de comunicação visual deve ser feita com sensibilidade. Na tentativa de reduzir essa amplitude de interpretações, os produtores destes conteúdos podem tornar o contexto mais claro possível para assim direcionar a leitura do receptor.



#### 4. METODOLOGIA

Apesar do avanço conquistado pelas mulheres ao longo dos anos para ganhar espaço na sociedade e na política, a falta de equidade e igualdade ainda é perceptível. Pensando no contexto em que mulheres e homens vivem realidades diferentes, a intenção da pesquisa é buscar entender se os diferentes gêneros enxergam uma mesma fotografia de uma forma diferente, se a interpretação é diferente entre homens, mulheres, pessoas trans e não-binárias.

O estudo adotou uma pesquisa empírica de caráter qualitativo. As fotografias utilizadas são de matérias do Jornal Nexo sobre as eleições para a ocupação de presidente da república e deputadas federais, no ano de 2022. A escolha das fotografias foi feita a partir de uma pesquisa manual no site do Jornal Nexo e definida a data entre 01 de agosto a 01 de novembro. O período temporal escolhido para a pesquisa de fotografias foi a partir do calendário eleitoral divulgado no site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Segundo o órgão, entre os dias 20 de julho e 5 de agosto é permitida a realização de convenções partidárias, momento em que os partidos políticos decidem as coligações e fazem a escolha de candidatos e outras estratégias relacionadas à eleição. Juntamente com esta definição do TSE, foi percebido que as matérias com fotografias em que as mulheres estivessem representando um lugar na política haviam sido divulgadas a partir de agosto. A escolha do dia 1º de novembro é em razão de ser dois dias após o final do segundo turno das votações que se encerra no dia 31 de outubro. A escolha foi porque após dois dias ainda há divulgação sobre o último turno das eleições, pensando nisso o jornal Nexo poderia ter divulgado fotografias em que constasse mulheres no meio político até este período.

O Nexo é um jornal nativo digital e foi fundado em 2015. É um veículo de comunicação online brasileiro que se destaca por seu jornalismo analítico, aprofundado e contextualizado. O Nexo busca explicar notícias e assuntos de interesse público por meio de análises que cruzam diferentes áreas do conhecimento, como política, economia, cultura, ciência e tecnologia. O veículo se destaca por sua abordagem analítica e aprofundada das notícias e assuntos de interesse público. Eles não apenas relatam os eventos, mas também os contextualizam, analisam as implicações e fornecem uma interpretação aprofundada dos acontecimentos.

Foram definidas fotografias que dispusessem de qualidade, seja na iluminação, seja no foco. Também foi critério para a escolha aquelas que incluíssem na imagem indivíduos dos gêneros feminino e pessoas trans no âmbito da política. Com isso, foi feita a escolha de quatro fotografias, sendo uma delas uma montagem de duas fotografias realizadas pelo veículo (Fotografia 2). As fotografias definidas foram: da senadora Soraya Thronicke (MS), na qual a matéria anuncia a pré-candidatura à Presidência da República, a matéria foi publicada no dia dois de agosto de 2022, a mesma data que está no crédito. Não há conhecimento do autor da fotografia, apenas que é divulgação do partido União Brasil. A segunda imagem apresentada foi uma montagem de duas fotografias retiradas dos perfis da antiga rede social *Twitter*, agora *X*. Assim como a anterior, não há a identificação do autor. As duas mulheres trans foram eleitas deputadas federais - Erika Hilton (PSOL) e Duda Salabert (PDT). A deputada federal Erika Hilton por ser mulher trans e negra, representa a comunidade LGBTQIA+ e as pessoas negras. A divulgação da matéria foi no dia três de outubro de 2022. A terceira fotografia é da candidata Simone Tebet, na qual participa de uma caminhada em Brasília, em defesa do voto a Lula (PT), no dia 20 de outubro de 2022. A identificação de autoria está: Divulgação/Campanha Simone Tebet. A última é da deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ), em sessão no plenário da câmara, em Brasília. A imagem mostra a representação da mulher negra na política e o autor é o fotógrafo Richard Silva. Isso constata que a cobertura fotográfica do Jornal Nexo, durante as eleições do ano de 2022, foi precária.

Fotografia 1 - Senadora Soraya Thronicke (União Brasil)



Imagem: Divulgação/União Brasil, 2022.<sup>2</sup>

Fotografia 2 - Deputadas Érika Hilton e Duda Salabert



Imagem: Reprodução/Twitter Erika Hilton e Twitter Duda Salabert, 2022.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3tzi5MX>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3PUKXGQ>

Fotografia 3 - Ministra Simone Tebet (MDB)



Imagem: Divulgação/Campanha Simone Tebet, 2022.<sup>4</sup>

Fotografia 4 - Deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ)



Imagem: Richard Silva/PCDOB na Câmara.<sup>5</sup>

Como forma de coleta das interpretações foi realizado um questionário online, no *Google Forms*, que ficou aberto por seis dias, sendo assim, coletadas 25

<sup>4</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3M0J1LK>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://bit.ly/48QT7bX>

respostas consideradas válidas pela pesquisadora - 16 de mulheres e 9 de homens. Foram, ao todo, 29 respostas, entretanto, em duas delas os respondentes diziam não atuar com jornalismo, nem serem estudantes, e as outras duas não havia nada preenchido. Das 116 respostas das mulheres, 8 se fizeram inválidas, pois não respondiam o que havia sido proposto pelo enunciado.

Em forma de link, foi compartilhado para pessoas do meio do jornalismo, tanto estudantes, quanto formados na área. Ao abrir o link, a página conta com um texto introdutório que explica o objetivo, o recorte, o tempo estimado para a resposta e a quantidade de perguntas. O questionário é composto por quatro seções. Na primeira seção, as duas primeiras perguntas são para situar se o respondente é estudante ou formado em jornalismo e a segunda é sobre o gênero que a pessoa se define. Foi utilizado um modelo do IBGE que teve atualização neste ano sobre as respostas de identidade de gênero. Ainda, na mesma seção, há a primeira fotografia a ser analisada, com duas perguntas que têm o intuito de fazer os respondentes refletirem sobre o tema.

O instrumento de coleta das respostas foi elaborado para respostas abertas, para assim os respondentes escreverem em texto (Duarte; Barros, 2011, p.172). A ideia é justamente extrair o que cada um vai ler sobre a fotografia em questão. O questionário é semiestruturado, pois combina perguntas fechadas com perguntas abertas. O questionário foi compartilhado publicamente por meio da divulgação de um *link*, nas plataformas do *Whatsapp* e *Instagram*. Ele foi distribuído exclusivamente pela internet e promovido através da conta pessoal da pesquisadora na rede social *Instagram* e em grupos do *Whatsapp* da área da comunicação.

Inicialmente, foi realizado um questionário teste com quatro pessoas: duas mulheres, uma estudante e uma formada e dois homens, um estudante e um formado na área de jornalismo. Após o preenchimento, foi perguntado sobre a elaboração das perguntas para compreender se foram construídas de forma clara.

Foi constatado um erro na primeira pergunta do teste. Foi feita a seguinte pergunta: "Você atua com jornalismo?" e, após o retorno, foi percebido que seria melhor o ajuste para "Você é estudante de jornalismo ou formado na área?". Esta foi a única mudança realizada no questionário. No instrumento teste foi feita a alteração e utilizado como coletor final das respostas. Com isso, as quatro primeiras respostas (testes) estão com "sim" na primeira pergunta.

O questionário final seguiu o seguinte roteiro:

Quadro 1 - Roteiro do questionário

Perguntas no questionário teste	Respostas
Você atua com jornalismo:	Resposta descritiva
<b>Pergunta estruturada:</b> Com qual gênero você se identifica?	Mulher Mulher Trans Homem Homem Trans Travesti Não binário Não quero responder Outro
Que impressões ou sentimentos a imagem desperta em você sobre as relações de gênero na política?	Resposta descritiva
A fotografia jornalística é usada como forma de veículo para a observação, a informação e o registro sobre a vida humana. Avalie a imagem e explique, a partir de seu entendimento, de que forma ela contribui ou não para informar sobre a política nacional.	Resposta descritiva

Fonte: Caroline Callai Sarturi (2023).

Todas as quatro fotografias receberam as mesmas duas últimas perguntas representadas no quadro acima. Para a formulação da primeira questão foi utilizada como apoio a fase teórica da pesquisa e também, para finalidade de aperfeiçoamento, a ferramenta de Inteligência Artificial ChatGPT. A segunda pergunta também se apoiou na etapa teórica da pesquisa sobre o objetivo do fotojornalismo. As duas perguntas exigem uma interpretação do respondente de acordo com o seu repertório. O número máximo de respostas a serem avaliadas é de 30. O questionário inicial tinha o objetivo de compreender se as perguntas estavam claras.

Após a coleta das respostas do questionário, foi feita a divisão em tabela das respostas dos homens e das respostas das mulheres para a decodificação das interpretações e a criação de categorias para identificar as diferenças. As tabelas podem ser conferidas no apêndice A. As respostas dos homens estão dispostas no segundo quadro (Quadro 2) e denominadas da seguinte forma: Resposta do Homem 1 (RH1) na Fotografia 1 (F1) da Pergunta 1 (1): (RH1\_F1\_P1). Para as mulheres foi

feito um terceiro quadro (Quadro 3) com a seguinte denominação: Resposta da Mulher 1 (RM1) na Fotografia 1 (F1) da Pergunta 1 (1): (RM1\_F1\_P1).

## 5. ANÁLISE

A falta de representatividade das minorias sociais dentro da política deve ser enxergada e modificada. Com as últimas eleições, no ano de 2022, foram expostas pessoas negras, mulheres e pessoas trans, trazendo uma visão de diversidade, mas ainda assim menos do que a quantidade de homens brancos que atuam na esfera pública. Com base nos dados fornecidos pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), observa-se um aumento significativo na representatividade de candidaturas negras nas eleições. Nas Eleições de 2022, a quantidade de candidatos negros atingiu 14.712, ultrapassando o número de candidatos brancos. Os postulantes representam 50,27% do total de inscrições, que somam 29.262. Em resumo, mais da metade dos candidatos nas eleições eram negros, demonstrando uma representação significativa nesse pleito. No contexto de gênero, a justiça eleitoral forneceu um percentual de mulheres na disputa, o qual atinge 33,83%, totalizando 9.891 candidatas no ano de 2022. Embora esse número represente um aumento em relação às eleições anteriores evidencia-se a continuidade do desafio para alcançar uma representação de equidade.

As fotografias jornalísticas têm o intuito de informar e complementar, de forma visual, uma reportagem que está sendo veiculado para o público em geral. Mas, cada pessoa vai entender aquela fotografia de uma forma pessoal e subjetiva, de acordo com suas vivências, suas dores, expectativas e experiências.

O presente estudo tem o objetivo de entender qual a interpretação que cada pessoa vai dar sobre as mesmas quatro fotografias. Entretanto, foi feito um recorte por gênero e de público. A pesquisa vai analisar de forma qualitativa respostas de pessoas que se definem do sexo feminino e do sexo masculino, pois só foi obtido respostas destes dois gêneros, entre jornalistas e estudantes de jornalismo. Para a coleta das leituras das fotografias foi realizado um questionário online que ficou disponível por seis dias e foi divulgado ao longo deste período. O formulário contou com 25 pessoas que responderam e que foram consideradas válidas para a pesquisadora. Duas respostas foram descartadas porque os respondentes afirmaram não serem nem estudantes, nem formados na área.

Foram feitos dois quadros com todas as respostas consideradas válidas para a pesquisa. Um quadro com as respostas dos homens, os quais compõem um total de 9 respondentes e um quadro para as mulheres que foi fechado com 16



respondentes, concluindo assim as 25 respondentes. A expectativa da pesquisadora era de analisar 30 pessoas, mas, para o tempo estipulado, foram alcançadas apenas 25.

A pesquisadora utilizou um software chamado AntConc que serve para pesquisas de análise de texto, que pode ser conferido no anexo II. Foi criado um arquivo no *Word* com todas as respostas e inserido no software que criou uma lista das palavras citadas, constando a frequência da mesma palavra escrita, que pode ser conferido no anexo II. De acordo com a ferramenta e também o objetivo do estudo foram criadas quatro categorias para a análise do conteúdo: Desigualdade, Representatividade, Política e Gênero.

Em um primeiro contato é evidente nas respostas obtidas leituras que citam a falta de representatividade de pessoas negras, trans e mulheres, assim como a expressão é citada como forma positiva, dizendo que as fotografias mostram que existe a ocupação dessas pessoas no cenário político. Sobre a desigualdade também é perceptível diversas respostas falando da desigualdade racial e de gênero no âmbito. E, por fim, a categoria política vai englobar respostas que falam predominantemente sobre a política em si e não sobre a questão de gênero. As perguntas tinham um viés para a questão de gênero e raça, voltadas para situações de discussões sociais, mas há respondentes que não olharam, em determinadas fotografias para este quesito, apenas para questões partidárias.

Em um contexto geral, a análise constatou que, das 59 respostas das mulheres sobre a primeira pergunta, que questiona quais as impressões e sentimentos que a fotografia passa, 16 responderam utilizando as palavras “impressão e sentimento” ou que condiz com um sentimento, por exemplo: “Me dá um certo desconforto, agonia, indignação, dúvida, me causa confusão [...]”. Neste caso, a resposta não possui a palavra sentimento, mas o expressa. Com isso, 27,11% das respostas transmitem algum tipo de sensação, seja ela positiva, seja ela negativa, mas expõe sentimentos que transparecem o que as mulheres passam, não somente na política, mas em outros cenários também.

Seguem alguns exemplos de respostas que demonstram a revolta ou felicidade do gênero que é oprimido. “A imagem me transmite um sentimento de desigualdade, sendo a mulher mal vista em determinado espaço monopolizado por pessoas do sexo masculino.” (RM1\_F1\_P1); “Me sinto representada”; “Muito bom ver mulheres nesses espaços de poder”; “Embora seja a única mulher, e com jeito

de influenciar, ainda assim dá a sensação de empoderamento”; “Pela imagem nota-se falta de representatividade, ou seja, de que mesmo com gritos não seremos ouvidos.”; “Trazem a sensação de estar ali, através delas. De ser ouvida, compreendida e principalmente respeitada. Um sentimento de que nosso voto é válido e ainda pode mudar muita coisa!” e “[...] Também sinto desconforto ao perceber que todos estão olhando para a mulher, mesmo que eu acredite que a intenção não seja ruim”.

A pesquisa observou que, das 35 respostas na pergunta 1 que o questionário online obteve, 6 contaram com as palavras impressão, sentimento ou com alguma expressão que remetesse a um sentimento. Destas, 4 são respostas com algum tipo de sentimento, ou seja 11,4% do total de respostas. As outras duas respostas que continham a palavra sentimento era para dizer que não havia sentimento. Seguem as 4 respostas em que os homens citam seus sentimentos: “Tristeza ao presenciar a falta de representantes femininas de forma igualitária ao sexo masculino na política de forma geral.” (RH2\_F1\_P1); “Um sentimento de felicidade e esperança, pois destaca a nossa pluralidade e quanto a política precisa trabalhar em diversas frentes para garantir igualdade.” (RH2\_F2\_P1); “A fotografia passa uma sensação de superioridade, em todos presentes na foto. Porém, há uma clara incomodação dos homens com a presença da mulher, já que todos olham para ela.” (RH9\_F1\_P1) e “Essa foto me passa a sensação de emoção, apoio e companheirismo” (RH9\_F3\_P1).

## 5.1 DESIGUALDADE

A sociedade em geral carrega um cenário de desigualdade, seja de classe, de raça, de gênero, criando grupos de minorizados e assim promovendo um desequilíbrio de ocupação de cargos e de direitos para as pessoas inseridas nestes grupos. Nesta pesquisa é estudado sobre o ambiente político, o qual, assim como muitos outros setores da sociedade, é predominantemente masculino e branco.

Na tabela realizada pela pesquisadora, os homens são identificados de acordo com a primeira resposta de um homem até a última no questionário, sendo assim denominados RH1, RH2 e assim por diante. É nítida a leitura dos homens sobre a desigualdade na quantidade de homens que há no cenário político. Nas fotografias onde há homens, sempre são em maioria, nunca as mulheres, mulheres

negras e pessoas trans. Das 70 respostas dos homens, 21 se encaixam na categoria Desigualdade. Com isso, 30% das respostas são sobre desigualdade, é a categoria que possui a maior quantidade de respostas dos homens.

Na primeira resposta dada por um homem (RH1) no questionário sobre a fotografia 1, na pergunta 2 (“A fotografia jornalística é usada como forma de veículo para a observação, a informação e o registro sobre a vida humana. Avalie a imagem e explique, a partir de seu entendimento, de que forma ela contribui ou não para informar sobre a política nacional”), ele afirma o que está na imagem, na qual, em sua maioria, os cargos públicos são ocupados por homens. O respondente retrata o que há na imagem, na qual há seis homens e uma mulher. Em uma parte desta mesma resposta, o homem 1 relata que os homens destratam as mulheres que estão inseridas no meio.

[...] Outro ponto, é que as mulheres têm falas desvalorizadas na política. Em muitos casos, políticos homens ironizam e atacam as mulheres, até em sessões oficiais. Na imagem, é nítido o descontentamento dos homens com a mulher presente.  
(RH1\_F1\_P2)

Com a leitura realizada por este homem na primeira fotografia é visto que, quando as mulheres ou grupos sub-representados que não tem espaço neste cenário alcançam um lugar de certa autoridade que é o caso da senadora Soraya Thronicke, que foi candidata à presidência da República no ano de 2022 pelo partido político União Brasil, são desprezadas. Na P1 (Que impressões ou sentimentos a imagem desperta em você sobre as relações de gênero na política?) o homem fala que a única figura feminina na imagem está sendo julgada e recebendo olhares de desprezo pelos homens que estão ao seu redor.

Essa concepção é trazida pela maioria dos homens que responderam as perguntas. No caso da RH3\_F1\_P1 ele ressalta que na fotografia é revelada a predominância masculina na política, trazendo um certo isolamento das mulheres no setor. Por fim, como dito anteriormente pelo respondente RH1, o RH3 traz uma resposta semelhante, na qual diz que a senadora é tratada com olhares de julgamento. Apesar da questão de desigualdade apontada pelo RH3, ele considera que a fotografia informa pouco, que seria necessário destacar o papel da senadora na imagem. Entretanto, na mesma resposta, ele complementa que a presença

masculina é em maior quantidade, mas que a figura relevante é a senadora Thronicke.

Dentro das 21 respostas trazidas pelos homens, nesta categoria, apenas 1 expõe sentimentos: “Um sentimento de felicidade e esperança, pois destaca a nossa pluralidade e quanto a política precisa trabalhar em diversas frentes para garantir igualdade.” (RH2\_F2\_P1). Além de ter sido somente uma pessoa que expressou sentimento foi relatando um aspecto mais positivo, sobre um avanço para um possível ambiente igualitário.

A análise procurou encontrar pontos que os homens colocaram em pauta sobre a desigualdade e neste caso foi observado a questão da fala da mulher: “[...] outro ponto, é que as mulheres têm falas desvalorizadas na política. Em muitos casos, políticos homens ironizam e atacam as mulheres, até em sessões oficiais [...]” (RH1\_F1\_P2). “Os homens da foto estão desqualificando a fala da mulher. Além disso, existe uma diferença do número de homens e mulheres no registro, podendo representar a ocupação dos cargos no cenário político brasileiro.” (RH5\_F1\_P1).

Nas demais respostas os homens citam a desigualdade em relação ao número de homens e mulheres de forma bem objetiva. Foram interpretações sem subjetividade, algo mais descritivo. “Como a primeira imagem, mostra a predominância dos homens na política.” (RH3\_F3\_P1) e “Ela mostra claramente a desigualdade no número de representantes das minorias.” (RH5\_F4\_P2).

Sobre o aspecto da desigualdade racial, que não é o foco da pesquisa, mas não deve deixar de ser citado, principalmente porque mulheres negras têm menos espaço que mulheres brancas na maior parte dos espaços. “Mesmo sendo um país plural, a política nacional segue em uma via quase que única. Na imagem, além da maioria de homens, apenas uma pessoa negra aparece.” (RH1\_F4\_P2); “Pra mim, contribui para mostrar o quão exclusivista é a política nacional. Um país com maioria parda ou preta e temos 7 pessoas brancas e 1 pessoa parda” (RH4\_F1\_P2) e “Mostra que mulheres e ainda mais mulheres pretas tem pouco espaço na política nacional.” (RH3\_F4\_P1). No questionário há mais respostas sobre a questão racial, mas está inserida em outras categorias, como, por exemplo, a falta de representatividade de pessoas negras, nesta categoria foram encontradas apenas 3 respostas que falam sobre a desigualdade na questão de cor.

Após a análise das respostas dos homens, a partir daqui será feita a análise das respostas das mulheres. A RM1\_F1\_P1 traz semelhança na resposta da maioria

dos homens “a imagem me transmite um sentimento de desigualdade, sendo a mulher mal vista em determinado espaço monopolizado por pessoas do sexo masculino.”. A resposta à P2 complementa a primeira questão e ressalta um ponto importante sobre a mulher estar presente na fotografia apenas para se dizerem inclusivos.

A imagem retrata de modo silencioso, a realidade da mulher em muitos espaços públicos, lá no fundo ela só foi aceita naquele espaço pra preencher lacunas de um mundo completamente machista, para poder abordar pautas como igualdade de gênero (RM1\_F1\_P2).

Na F2\_P1 ela diz passar a impressão de esperança e igualdade. Essa resposta é para as deputadas transexuais e a respondente vê um lado positivo na presença delas.

A RM2\_F1\_P1 é de que há desaprovação por parte dos homens sobre a fala da mulher. A respondente diz que na P2 a informação que a fotografia passa é de reforço sobre o preconceito e machismo. “Evidencia a dominância masculina na política.” (RM2\_F1\_P2). Na F4\_P1 descreve que mulheres seguem como minoria na política, mas não cita a questão racial, apenas de gênero.

Das 108 respostas válidas, a categoria contou com 30 respostas sobre igualdade ou desigualdade. A pesquisadora analisou as respostas das mulheres que demonstraram sentimentos, para considerar esse aspecto foram separadas também respostas em que as mulheres demonstravam-se inseridas na luta contra a desigualdade. Das 30 respostas, 9 apresentaram este aspecto, ou seja, 30% das respostas tiveram esse resultado.

Foram escolhidas algumas respostas que representam esta etapa: “A imagem me transmite um sentimento de desigualdade, sendo a mulher mal vista em determinado espaço monopolizado por pessoas do sexo masculino.” (RM1\_F1\_P1); “Sentimento de alegria, empoderamento feminino em um espaço onde o sexo masculino é predominante.” (RM1\_F3\_P1); “Uma relação desigual e machista, sinto raiva e quero apoiar a mulher.” (RM3\_F1\_P1); “A imagem me gera desconforto, tanto pela diferença da quantidade de homens e mulheres presentes na foto e por ter apenas uma única mulher negra presente.” (RM3\_F4\_P1); “Ela deixa claro que a política é feita majoritariamente de homens para homens. Se não somos representadas nem por quem NOS REPRESENTA, o que esperar da nossa vivência em outras áreas?” (RM5\_F1\_P2); “É evidente que a presença de homens na política

é predominante, a foto só comprova isso. Também sinto desconforto ao perceber que todos estão olhando para a mulher, mesmo que eu acredite que a intenção não seja ruim.” (RM14\_F1\_P1). As respostas colocadas acima demonstram sentimentos de raiva e de esperança, mas também, sentimentos de pertencimento e compreensão sobre o que ocorre nas fotografias.

Sobre o aspecto da desigualdade racial foram coletadas 9 respostas. Algumas respostas são as mesmas da etapa de sentimentos, pois a respondente disse sentir raiva com a realidade mostrada sobre a desigualdade de gênero e de cor, o que fez com que fossem contabilizadas algumas respostas novamente. Alguns exemplos de respostas são: “Na imagem percebemos muito mais homens brancos.” (RM3\_F3\_P1); “A imagem me gera desconforto, tanto pela diferença da quantidade de homens e mulheres presentes na foto e por ter apenas uma única mulher negra presente.” (RM3\_F4\_P1); “Ela retrata a política nacional: sobretudo, patriarcal, com a presença de poucas mulheres e sempre brancas.” (RM4\_F1\_P2); “Me torno repetitiva, mas assertiva. Mulheres parlamentares fazendo uma *selfie*. Muito se destaca a mulher negra em meio a tantos homens brancos e apenas algumas mulheres.” (RM7\_F4\_P1); “Vemos 5 mulheres rodeadas por homens, todos brancos. Apenas uma mulher negra.” (RM11\_F4\_P2) e “A fotografia comprova que as mulheres ainda são minorias em cargos políticos e a situação do negro também é pior ainda.” (RM12\_F4\_P2).

As mulheres também tiveram diversas respostas objetivas nesta categoria, assim como a dos homens. Falaram que há disparidade se comparado ao número de homens e mulheres na política. “Para mim, ela só evidencia o fato de que mulheres são minoria da política, e que provavelmente todos ali são do mesmo partido. Nada além disso.” (RM14\_F1\_P2); “Vemos 5 mulheres rodeadas por homens, todos brancos. Apenas uma mulher negra.” (RM11\_F4\_P2) e “Mesma sensação de um mundo desigual.” (RM5\_F3\_P1). “Apesar de claramente haver mais mulheres, ainda são em número minoritário. Pode-se notar que é um comício de partidos de esquerda, então eu esperava que pudesse ter mais mulheres.” (RM8\_F3\_P1).

Mostra a discrepância entre homens e mulheres na política. Somos em número muito inferior, mesmo existindo uma porcentagem mínima garantida de participação. O homem de braços cruzados está claramente contrariado (pela fala dela? por ela ser o destaque? por ser obrigado a estar ali?). Algum deles é suplente? Por que não uma

mulher ser suplente da candidata ao Senado? Sendo uma entrevista de campanha, por que um homem está no centro e não a candidata? (RM9\_F1\_P2).

É perceptível que mesmo as respostas sendo mais objetivas, ainda sim demonstram mais interesse em responder algo mais completo se comparado com os homens. Inclusive, neste último exemplo, apesar de ser somente uma resposta sobre a diferença de quantidade, a mulher faz uma série de questionamentos sobre os olhares dos homens sobre a mulher.

## 5.2 REPRESENTATIVIDADE

A falta de representatividade corresponde a ausência ou sub-representação de determinados grupos em posições, principalmente de poder. Essa realidade pode levar a decisões políticas que não atendam adequadamente às necessidades e interesses de grupos sub-representados, contribuindo assim para a desigualdade.

As fotografias apresentadas no questionário provocaram uma leitura sobre representatividade por parte dos jornalistas e estudantes homens. Ao longo das respostas fazem interpretações que dizem respeito ao crescimento de um público plural na política, assim como, também respostas que ressaltam a falta de representatividade de gênero e de raça. Das 70 respostas, 16 correspondem à categoria representatividade, ou seja 22.8% das respostas citam direta ou indiretamente a questão a representação de grupos minorizados no cenário político.

Das 16 respostas designadas para esta categoria, o questionário obteve três respostas que transmitiam algum tipo de sentimento em relação às fotografias, seja sentimento de felicidade, seja de tristeza. O número representa 18,75% das respostas, sendo que a P1 pedia, justamente, os sentimentos e as impressões dos respondentes. Entretanto, a maioria das respostas, 81,25%, foram sobre as impressões. Aqui estão os exemplos das três respostas que exibem algum tipo de sentimento em relação às imagens apresentadas: “Tristeza ao presenciar a falta de representantes femininas de forma igualitária ao sexo masculino na política de forma geral.” (RH2\_F1\_P1); “Ela contribui, pois registra o fato, mesmo que triste, da política nacional que hoje é representada em sua maioria por homens brancos de meia idade. (RH2\_F1\_P2) e “Essa foto me passa a sensação de emoção, apoio e companheirismo”. (RH9\_F3\_P1). Vale ressaltar que são três respostas, mas apenas

de dois respondentes.

Dessas 16 respostas, 8 realizaram uma interpretação para um lado positivo e 8 para o lado negativo, ou seja, 50% dos respondentes entendem que as fotografias mostram que o ambiente político está mudando, está se tornando mais inclusivo. Mas é importante ressaltar aqui que, tanto nas respostas dos homens, quanto nas respostas das mulheres, sobre as leituras positivas, em sua maioria, por mais que entendam que há uma evolução na representação de raça e gênero, citam que a presença da diversidade ainda está longe do que deveria ser. Para ilustrar este lado, seguem algumas citações de respostas: “Contribui, pois mostra que há espaço para maior diversidade e inclusão na política brasileira, mas infelizmente, não representa um número expressivo na nossa política.” (RH4\_F2\_P2); “Em minha visão, significa que a mulher está entrando na política. Mas, ainda em minoria.” (RH5\_F3\_P1) e “Na imagem é possível observar duas transexuais, que se inseriram em cargos políticos importantes, e representam uma grande população do gênero no Brasil.” (RH8\_F2\_P2).

Assim como citado anteriormente, o estudo observou metade das respostas com uma leitura mais crítica, enxergando um aspecto mais realista sobre o cenário político. Aqui, alguns exemplos: “Ela contribui, pois registra o fato, mesmo que triste, da política nacional que hoje é representada em sua maioria por homens brancos de meia idade.” (RH2\_F1\_P2); “Falta de representatividade” (RH2\_F4\_P1) e “Ela é importante, pois é um retrato fiel da realidade da política brasileira.” (RH2\_F4\_P2). Nesta RH2\_F4\_P2 a opinião do respondente não está clara, entretanto, se for analisada a resposta da P1, a P2 pode ser um complemento sobre haver falta de representatividade. Em geral, nesta categoria os homens citaram a falta de espaço e de representatividade de uma forma mais geral, sem especificar se é de gênero ou raça.

A falta de representatividade e a desigualdade andam juntas. A representatividade de minorias sociais entende as necessidades e promove políticas e direitos mais igualitários para a sociedade, entretanto, a RH2\_F1\_P2 reflete que essa não é a realidade: “Ela contribui, pois registra o fato, mesmo que triste, da política nacional que hoje é representada em sua maioria por homens brancos de meia idade.”. Na pergunta, que é sobre a imagem contribuir ou não para informar sobre a política brasileira, o homem responde que ela é o retrato real do setor público. Essa interpretação reflete nas demais fotografias, inclusive na F4, quando ele cita sobre



homens brancos, pois na última fotografia apresentada no questionário há apenas uma mulher negra, cercada por homens brancos, aparentemente mais velhos. Concluindo, metade dos respondentes enxergam um avanço na representatividade dos grupos sub-representados na política e a outra metade entende que é uma realidade insuficiente e pouco representativa.

Das 108 respostas, em 39 foram citadas a falta de representatividade ou um avanço na representação feminina, negra e trans, ou seja 36,11% das respostas relatam a representatividade com pontos positivos ou negativos. RM15\_F2\_P2 apresenta um ponto positivo para a representação das pessoas transexuais: “As fotos falam sobre representatividade ao mostrar duas então candidatas da comunidade LGBTQIA+. A conquista de espaços na mídia para a população transgênero é uma conquista recente, assim como na política”. O próximo exemplo é de uma exposição sobre a realidade do cenário atual: “Preconceituosa (não ter pessoas negras), falta de pluralidade de gênero e raça.” (RM11\_F1\_P1). Aqui, é relatada a falta de diversidade na política e é perceptível a indignação da respondente ao falar sobre o assunto.

Das 39 respostas designadas na categoria Representatividade, 66,6% são respostas com um aspecto positivo. Como exemplo, é citada algumas respostas que remetem a essa ideia. “Um cenário que parece, aos poucos, estar mudando graças a força daquelas que não vão permitir que o sistema patriarcal vença.” (RM5\_F2\_P2); “Me sinto representada por muitas mulheres em um ambiente político.” (RM6\_F3\_P1); “Minoria representativa feminina e resistência.” (RM16\_F4\_P1); “Contribuí para que mais pessoas se sintam representadas, fortalecidas e incentivadas a votarem, participarem e até mesmo candidatar-se.” (RM7\_F2\_P2). Das 16 respondentes, apenas uma mulher disse que se sente representada pela mulher negra que há na imagem.

Me sinto representada como mulher negra pela mulher na fotografia, para além da narrativa que a fotografia conta, ela está com outras mulheres e não está sendo desrespeitada ou em um lugar inferior aos demais parlamentares presentes na imagem. (RM7\_F4\_P2).

Já no aspecto negativo foram 33,3% das respostas. Neste caso, o olhar das mulheres aponta insatisfação com a pouca representatividade das minorias sociais. Dentre as respostas com uma interpretação que traz pontos negativos, mas absolutamente

reais, são citados alguns exemplos: “A pouca representatividade feminina. E o fato da única mulher (pelo menos aparentar) ser branca.” (RM5\_F1\_P1); “Pouca representatividade feminina, homens parecem olhá-la com desgosto. Imagem repulsiva.” (RM6\_F1\_P1); “Novamente, poucas mulheres em um universo predominantemente masculino. A impressão que dá é que a política não foi feita para mulheres.” (RM8\_F4\_P1); “Pela imagem nota-se falta de representatividade, ou seja, de que mesmo com gritos não seremos ouvidos.” (RM10\_F1\_P1).

Por fim, a pesquisa analisou e separou respostas das mulheres, na categoria representatividade, que demonstram, em ambas as perguntas, algum tipo de sentimento, seja de raiva e tristeza, seja de felicidade e esperança. A mulher 6 coloca seu sentimento nas últimas duas palavras da sua resposta: “Pouca representatividade feminina, homens parecem olhá-la com desgosto. Imagem repulsiva.” (RM6\_F1\_P1); “Me sinto representada por muitas mulheres em um ambiente político.” (RM6\_F3\_P1). “Me remetem algo bom, como a tomada de lugares do poder executivo e legislativo nas decisões do país, com a cara de quem vive nele, na sua íntegra pluralidade. (RM7\_F2\_P1); “Muito bom ver mulheres nesses espaços de poder e tomada de decisões por um país melhor, mas não deixo de questionar quem as rodeia, como por exemplo nesta fotografia, rodeada por homens, normalmente brancos, meia idade. (RM7\_F3\_P1);

Me sinto representada como mulher negra pela mulher na fotografia, para além da narrativa que a fotografia conta, ela está com outras mulheres e não está sendo desrespeitada ou em um lugar inferior aos demais parlamentares presentes na imagem. (RM7\_F4\_P2).

“Pela imagem nota-se falta de representatividade, ou seja, de que mesmo com gritos não seremos ouvidos. (RM10\_F1\_P1); “Trazem a sensação de estar ali, através delas. De ser ouvida, compreendida e principalmente respeitada. Um sentimento de que nosso voto é válido e ainda pode mudar muita coisa!” (RM10\_F2\_P1); “Acolhimento” (RM10\_F4\_P1). “Ela indica o quão baixa ainda é a representatividade feminina na política, porém resistente.” (RM16\_F4\_P2). Das 39 respostas, 9 apresentaram algum tipo de sentimento, ou seja 23% das mulheres que responderam manifestaram sentimentos em relação às fotografias.

### 5.3 POLÍTICA

Esta categoria contém as respostas sobre questões relacionadas diretamente com política. Respostas em que o intuito principal era citar o cenário político e questões relacionadas a posições partidárias do que sobre gênero. Das 70 respostas realizadas pelos homens, 18 foram encaixadas na categoria política, ou seja 25.7% das respostas não tinham como objetivo principal falar sobre o gênero.

Na RH2\_F3\_P1 a resposta foi mais objetiva em que diz que a fotografia “representa a união em prol de algo melhor à sociedade.” Na P2 responde que contribui para mostrar a realidade da política, sobre ser necessária a união para realizações. Na RH3\_F2\_P1, ele se isenta de responder questões relacionadas ao gênero. “Por eu conhecer o ótimo trabalho das duas, a imagem não me passa impressões ou sentimentos. Conheço as deputadas pelos seus trabalhos e não pelo gênero.”. Na RH3\_F2\_P2 o homem entende que a fotografia informa pouco. Justifica que “alguém que não soubesse quem elas são, descobriria algo sobre as deputadas? Talvez identificasse a Érika como de esquerda pelo L.”. Mais uma vez o olhar do homem é sobre a fotografia jornalística e indaga o quanto ela informa ou não.

Na RH6\_F2\_P2 ele responde que a única informação é que a Érika Hilton, que está posicionada no quadro da esquerda fez o L e que se pode pressupor que a pessoa da direita, Duda Salabert, votou no ex-presidente Bolsonaro. “Rir pra não chorar. Me chama mais a atenção a ruralista Simone Tebet perto de uma bandeira do PCB. Tudo pelo voto. De novo, gênero é secundário, dada a hipocrisia do contexto.” (RH6\_F3\_P1). “Ela informa que vale tudo pelo voto.” (RH6\_F3\_P2). O respondente 6 deixa claro que não concorda que as fotografias tragam, de primeiro momento, um aspecto sobre questão de gênero, sobre representatividade. Ele frisa que o contexto político e questões partidárias vem sempre em primeiro lugar. Na RH7\_F2\_P1 ele responde: “Uma pessoa que está indo votar provavelmente no Lula e alguém vestindo o que parece ser um colete a prova de balas”. Nesta resposta o homem basicamente descreve o que há na imagem. Em resumo, as respostas destacam perspectivas em relação com enfoques em partidos políticos como União Brasil e representantes partidários (Lula e Bolsonaro).

Sob a perspectiva das mulheres as respostas também destacam a parte informativa da fotografia e orientação política. É citado sobre identificação com ideais, sugerindo uma conexão entre os retratados e seus apoiadores. Das 108 respostas, 20 foram colocadas na categoria política, ou seja, 18.5% das respostas

foram voltadas para esse contexto. Aqui dois exemplos sobre identificação: “A expressão por si só, na maioria dos rostos é de felicidade, nos dando a ideia de identificação por ideais.” (RM1\_F3\_P2); “Contribui no sentido de mostrar que a população apoia a candidata da foto.” (RM6\_F3\_P2).

Dentre todas as respostas sobre política, foi encontrada uma resposta em que uma mulher expõe sentimento: “Desperta sentimento bom e de aprovação ao que acontece” (RM2\_F3\_P1). Na sequência ela responde a pergunta 2: “Reflete apenas uma parcela da política nacional. Mas demonstra a satisfação das pessoas que ali estão.” (RM2\_F3\_P2). Aqui, a respondente diz ter sentimento bom sobre o que está sendo retratado.

No entanto, há também críticas específicas, como a visão sobre a hipocrisia da esquerda liberal ao abraçar partidos associados ao governo criticado. “Eu acho que é uma hipocrisia da esquerda liberal (e até de alguns partidos considerados da esquerda radical) abraçar partidos que estiveram ao lado do governo genocida apenas para vencer a eleição.” (RM8\_F3\_P2). Algumas respostas destacam que a imagem pública de figuras políticas pode influenciar o voto da população. “A impressão que causa é que figuras públicas possuem poder para influenciar o voto da população e que elas usam o alcance que têm para tentar defender o seu candidato.” (RM12\_F2\_P1). A observação destaca a ideia de que essas figuras utilizam sua visibilidade e alcance para promover e defender o candidato ou a candidata de sua escolha.

Em resumo, enquanto os homens tendem a adotar uma abordagem mais direta e focada em aspectos políticos, se isentando de falar sobre gênero. Já as mulheres parecem incorporar uma perspectiva mais subjetiva, incluindo sentimentos, identificação e impressões.

## **5.4 GÊNERO**

O gênero dentro da esfera política é tópico de extrema importância, mas também complexo que aborda diversos tópicos em relação a disparidades, desafios e oportunidades que os gêneros enfrentam. Alguns aspectos importantes que podem ser levantados são sobre a representatividade, estereótipos de gênero e violência de gênero. As respostas analisadas nesta categoria foram aquelas que não citavam a questão de representatividade, igualdade, desigualdade, política ou

partidária. São respostas sobre a figura da mulher, da mulher transexual e da mulher negra no ambiente político.

Das 70 respostas do público masculino, 15 foram encaixadas no contexto desta categoria. De uma forma não linear a pesquisadora destaca nesta categoria uma resposta única neste sentido: “Sentimento nenhum. Mas não fosse pela legenda, o gênero não passaria pela minha cabeça num primeiro olhar. Me chama mais a atenção o espectro político que os personagens da foto representam. E o cenário aparentemente improvisado.” (RH6\_F1\_P1). Esta resposta demonstra que a questão de gênero ou até mesmo de raça não foi pauta a principal interpretação feita pelo respondente.

O primeiro respondente cita: “A única figura feminina da imagem está claramente sendo “julgada” com o olhar de desprezo dos homens ao redor.” (RH1\_F1\_P1). Aqui, ele expõe como as mulheres são tratadas na política. Nesta outra resposta podemos ver semelhança na interpretação: “Acredito que retrata como a maioria dos homens levam a opinião das mulheres na política. Ou seja, o número de mulheres é menor e quando ouvidas existe um desdém.” (RH5\_F1\_P2). Em um último exemplo com o pensamento parecido a RH5\_F2\_P1 diz: “Trata-se de uma questão complexa. No cenário político atual existem muitas pessoas que são desqualificadas pela definição de gênero [...]”

O questionário apresentou respostas em que os homens citam que as fotografias informam pouco sobre o papel das mulheres e das mulheres transexuais. “Informa pouco. É possível perceber que a Simone Tebet é a principal na situação, mas seria preciso deixar mais claro o papel dela.” (RH3\_F3\_P2) e “Nenhum. O debate sobre relações de gênero não se explica, nem se inicia através de fotos encaixadas num contexto.” (RH6\_F2\_P1).

As leituras das fotografias também tiveram opiniões sobre pluralidade. A imagem das deputadas transexuais Érika Hilton e Duda Salabert recebeu duas respostas de um homem falando sobre pluralidade. O respondente diz que é preciso governantes que pensem em políticas para todos.

As respostas sugerem uma conscientização sobre o espaço do gênero na política, destacando desafios percebidos, como desprezo e desdém, enquanto também apontam para a necessidade de uma representação mais clara e inclusiva, reconhecendo a pluralidade e a complexidade inerentes à questão de gênero na esfera política.

Das 108 respostas das mulheres, 18 estão nesta categoria. Aqui é observado respostas em que as mulheres falam que a fotografia das deputadas Érika Hilton e Duda Salabert depreciam não valorizam elas, que são imagens mal feitas. “Imagens que depreciam e não valorizam as pessoas fotografadas.” (RM2\_F2\_P1) e “Imagens mal feitas que tentam depreciar as pessoas transgêneros.” (RM2\_F2\_P2). Neste caso a respondente 2 também fala sobre as imagens serem confusas e que a intenção também é desvalorizar a mulher trans.

A imagem parece uma colagem de duas fotografias, me passa um sentimento confuso e nem consigo refletir sobre a questão política. Parece que usaram da imagem de uma pessoa com nojo para imputar este sentimento por uma mulher trans. (RM6\_F2\_P1).

Foi analisada também outra ideia, a do preconceito: “Acho que pessoas preconceituosas vão interpretar a imagem de forma errada” (RM3\_F2\_P2). Sobre o preconceito pode ser levantada a questão de preconceito de gênero, como uma intolerância política em relação a posições partidárias. Mas também há resposta em que falam sobre a diversidade, que a fotografia traz o significado de uma política plural.

Foi percebido também algumas respostas que compreendem que as mulheres não são aceitas na política e quando conseguem espaço não são tratadas com respeito.

Me dá um certo desconforto, agonia, indignação, dúvida, me causa confusão. A impressão que dá é que não há mulher na política brasileira, e que elas só entram para especular, para levantar questões desnecessárias e circular Indignação, pois os olhares que a única mulher recebe são de deboche e desconfiança. (RM12\_F1\_P1).

Esta mulher enfatiza o ponto de que em razão da maneira como os homens tratam os diferentes gêneros, os grupos minorizados acabam sendo enxergados como incapazes de atuar no cenário político.

Ainda, a pesquisa analisou duas respostas interessantes da respondente mulher 15. Ela cita que a fotografia 1 evidencia a falta de equidade de gênero e na F2 ela fala sobre inclusão de lideranças LGBTQIA+ no cenário político. O estudo destaca este ponto como relevante, pois, ao longo do questionário, essa foi a única entrevistada que respondeu sobre equidade, a expressão refere-se à justiça e à promoção da igualdade de oportunidades, reconhecendo e levando em

consideração as diferenças individuais. Diferente da igualdade, ela reconhece que diferentes pessoas podem precisar de tratamentos diferentes para alcançar a igualdade real. Além disso, a mulher citou especificamente a comunidade LGBTQIA+ ao invés de usar termos mais amplos como pluralidade ou diversidade ao falar sobre as deputadas transexuais. As respostas refletem uma série de perspectivas sobre como os homens e as mulheres enxergam a representação de gênero na política, destacam a importância da inclusão e percepções negativas que podem surgir quando a diversidade não é adequadamente valorizada.

## 5.5 RESULTADOS

Com base nas 178 respostas avaliadas, que tiveram como objetivo entender o processo de interpretação dos recortes de gênero masculino e feminino sobre as fotografias retiradas de matérias do jornal Nexo, no contexto das eleições do ano de 2022, comprovaram-se, em parte, com as constatações levantadas na bibliografia deste estudo. Os respondentes, de ambos os gêneros, falaram sobre representatividade, política, questão racial e de gênero.

É importante ressaltar que as perguntas tinham o objetivo de encaminhar o respondente para um objetivo: a discussão de gênero. Com isso, diversas opiniões coletadas trazem aspectos semelhantes. Porém, dentre as 16 mulheres e 9 homens que responderam o questionário online, a análise obteve respostas que trouxeram aspectos que demonstram as diferenças nas respostas entre os homens e as mulheres.

Como mencionado pelos autores Acorsi e Boni, no artigo "A margem de interpretação e a geração de sentido no fotojornalismo" (2006), a interpretação é relacionada com a atribuição de significado aos elementos que constam na imagem, e neste momento, os autores ressaltam que essa atribuição pode variar de pessoa para pessoa, pois cada um pode ver e entender as coisas de maneira diferente. Essa análise mais profunda de uma imagem ajuda na compreensão de como as pessoas percebem e interpretam o mundo ao seu redor. Neste caso, esse conceito se comprova com a resposta do homem 6. A pergunta 1 - Que impressões ou sentimentos a imagem desperta em você sobre as relações de gênero na política? - obteve a seguinte resposta:

Sentimento nenhum. Mas não fosse pela legenda, o gênero não passaria pela minha cabeça num primeiro olhar. Me chama mais a atenção o espectro político que os personagens da foto representam. E o cenário aparentemente improvisado. (RH6\_F1\_P1).

Na resposta o homem assume que não cogitou uma interpretação sobre a questão de gênero. Aqui, fica evidente a constatação que os autores Acorsi e Boni fazem ao dizer que a compreensão é feita a partir de como as pessoas interpretam o mundo ao seu redor. Enquanto o homem cita que não lhe transmite sentimento algum a imagem, a respondente mulher 12 expõe sua opinião sobre a mesma fotografia da seguinte forma:

Me dá um certo desconforto, agonia, indignação, dúvida, me causa confusão. A impressão que dá é que não há mulher na política brasileira, e que elas só entram para especular, para levantar questões desnecessárias e circular Indignação, pois os olhares que a única mulher recebe são de deboche e desconfiança. (RM12\_F1\_P1).

O presente estudo observou que, enquanto o homem não sentia nada perante a fotografia, uma mulher traz diversos sentimentos negativos. Essa diferença de leitura da fotografia se relaciona diretamente com o que o autor Ivan Lima (1988) fala sobre a possibilidade de duas pessoas olharem para a mesma imagem e tirarem conclusões muito diferentes, porque a base para a interpretação de uma imagem será apoiada nas próprias experiências de vida e crenças.

Quando os leitores fazem parte do mesmo meio sócio-cultural, tendem a fazer a mesma leitura de identificação, mas cada um interpreta da sua forma, em função de sua idade, de seu sexo, de sua profissão e de sua ideologia (Lima, 1988, p.22).

Isso se dá pelo caráter polissêmico que a fotografia possui, ou seja, ela tem a capacidade de ter diversos significados e interpretações, pois pode ser lida de diversas maneiras, só depende do repertório sociocultural do observador. Com base nestas duas respostas apresentadas e outras que demonstraram diferenças, é possível identificar a ideia de Moutinho (2014) que fala sobre grupos marcados socialmente por diferenças. Existem pessoas na sociedade que possuem características e identidades específicas que as diferenciam de outras pessoas. Essas diferenças podem ser baseadas em diversos fatores, como gênero, raça, etnia, orientação sexual, idade, classe social, religião e outras características



identitárias. Complementam que as características são colocadas a partir da cultura da própria sociedade e acabam sendo naturalizadas. Com a naturalização desses aspectos, a coletividade transforma a diferença em um fator de desigualdade (Vega, 2008 apud Melo; Malfitano; Lopes, 2020, p.1064-1065).

A partir dessa abordagem, o estudo entendeu que existe uma diferença discrepante entre as respostas, porque enquanto a mulher demonstra incômodo sobre a realidade vista, o homem, que já naturalizou o cenário desigual, não possui dores sobre o cenário. O marcador social da diferença de gênero é um dos fatores que marginalizam as mulheres em diversos aspectos e setores da sociedade, como, por exemplo, o cenário político.

Podemos ver na RH3\_F2\_P1, em que o homem se isenta de responder questões relacionadas ao gênero: “Por eu conhecer o ótimo trabalho das duas, a imagem não me passa impressões ou sentimentos. Conheço as deputadas pelos seus trabalhos e não pelo gênero.”. Enquanto o homem não responde sobre a questão de gênero na política, a mulher 7 responde: “Me remetem algo bom, como a tomada de lugares do poder executivo e legislativo nas decisões do país, com a cara de quem vive nele, na sua íntegra pluralidade. (RM7\_F2\_P1). Esses grupos marcados socialmente, muitas vezes, enfrentam desafios, preconceitos e discriminação devido às suas diferenças. Isso pode afetar as experiências de vida, oportunidades e acesso a direitos. A pesquisa analisou aqui que o homem fala que não conhece as deputadas por seu gênero, ele está deixando de falar sobre o espaço que as pessoas transexuais estão atingindo. Em razão da tentativa de esconder a pluralidade da sociedade, os grupos acabam não tendo políticas públicas e direitos que os atendam. No livro sobre política e feminismo, Miguel (2015) fala sobre a igualdade ser a aceitação da diferença. “A diferença que se associa à igualdade é aquela que permite a livre expressão das individualidades, não a que aprisiona indivíduos e grupos em posições estereotipadas” (Miguel, 2015, p.77).

O estudo observou diversas respostas semelhantes em que tanto os homens quanto as mulheres entendem que não há ou há pouca diversidade de gênero e raça na política. Entretanto, foi possível interpretar que o número de mulheres que expuseram sentimentos sobre as fotografias foi superior ao dos homens. Araújo (2005), fala que o contexto das mulheres não pode ser analisado de forma isolada da história dos homens, todos estão dentro de uma mesma esfera, ressalta que segregar um sexo do outro reforça a ideia de que um não tem nada a ver com o

outro. De acordo com as respostas, é perceptível a falta de empatia dos homens sobre a realidade das mulheres.

No artigo de Acorsi e Boni (2006), os pesquisadores fazem relação entre a ideia de Lima (1988) com a concepção de Barthes no seu livro “o óbvio e o obtuso” (1990), no qual destaca a distinção entre os olhares para a fotografia com o intuito de evidenciar como a fotografia pode comunicar não apenas informações visuais diretas, mas também significados simbólicos e interpretações que são moldadas pelo contexto cultural do observador. Essa perspectiva está diretamente relacionada com as respostas dos homens e das mulheres. Enquanto 27,11% das respostas do público feminino transmitem algum tipo de sensação, seja ela positiva, seja negativa, mas expõe sentimentos de raiva, aflição, felicidade, esperança. Apenas 11,4% das respostas dos homens transmitem um sentimento. As mulheres enxergam mais significados simbólicos do que os homens, pois o cenário do gênero masculino dentro da política não é de opressão.

Ainda, a pesquisa analisou duas respostas interessantes da respondente 15. Ela cita sobre a equidade de gênero e a comunidade LGBTQIA+ no cenário político. Nenhum homem citou essas expressões, apenas falaram de forma ampla. O que, novamente, condiz com o que o autor cita sobre a falta de diversidade e inclusão na política acabar levando a decisões que beneficiam apenas uma parte da população.

Sobre a perspectiva do fotojornalismo, Sousa (2004) afirma que faz parte de uma das categorias da fotografia e tem como principal objetivo, informar. A fotografia jornalística é usada como forma de veículo para a observação, a informação e o registro sobre a vida humana. Na segunda pergunta do questionário (A fotografia jornalística é usada como forma de veículo para a observação, a informação e o registro sobre a vida humana. Avalie a imagem e explique, a partir de seu entendimento, de que forma ela contribui ou não para informar sobre a política nacional.) Homens e mulheres tiveram, em geral, respostas muito parecidas sobre esta pergunta. Alguns respondentes disseram que são fotografias que informam pouco, outras disseram que são imagens que mostram a realidade da falta de representatividade e desigualdade, assim como os homens. Em geral, as respostas para esta pergunta foram mais objetivas, por vezes, as respostas da P2 complementam as respostas da P1, mas normalmente descrevendo a cena.

A fim de responder ao problema de pesquisa que guiou esse trabalho, pode-se dizer que há representações de gênero presentes nas fotos das reportagens do

jornal Nexo e que há impacto na interpretação das imagens a partir do olhar de homens e mulheres. Este impacto está diretamente ligado à segregação e opressão que as minorias sociais (mulheres, mulheres transexuais e negras) sofrem.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste estudo foi compreender se há variações nas interpretações de uma mesma fotografia entre os recortes de gênero masculino e feminino. Foi analisado como homens e mulheres fizeram a leitura e atribuíram significados a imagens retiradas de reportagens do Jornal Nexo, no contexto das eleições do ano de 2022, no Brasil. Foram exploradas possíveis divergências ou convergências em suas interpretações na busca de contribuir para uma compreensão mais aprofundada sobre as perspectivas dos gêneros em relação às representações visuais, destacando possíveis particularidades nas interpretações entre os dois grupos.

A partir da pergunta de pesquisa sobre a existência de diferenças nas leituras das fotografias jornalísticas, a partir dos diferentes gêneros, foi buscado compreender como o contexto sociocultural e a bagagem de cada sujeito contribuem para a construção de significados diferenciados para as representações visuais, dependendo do recorte de gênero de cada espectador. Também procurou identificar as opiniões sobre as representações de gênero, a partir da interpretação visual de fotografias jornalísticas.

O capítulo 2 teve por objetivo aprofundar a compreensão do conceito de gênero, abordando sua origem e evolução ao longo do tempo. Inicialmente, destaca-se a fundamentação dos gêneros com base em diferenças biológicas, mas, em contraponto, sustenta-se que o entendimento de questões de gênero transcende essa perspectiva, sendo criado a partir de uma construção social. O capítulo enfatiza a redefinição do termo gênero por pensadores contemporâneos e oferece um panorama sobre o movimento feminista, também cita sobre a mulher no cenário político.

O capítulo 3 aborda teorias sobre a fotografia e compõe quatro tópicos: Fotografia; A fotografia como forma de informação; Análise da imagem e Compreensão da imagem a partir do contexto sociocultural. Trata sobre o papel do fotojornalismo, que tem sua natureza como uma vertente da fotografia dedicada à comunicação clara e objetiva. O texto explora teorias que traçam a evolução histórica do fotojornalismo e examinam a relação entre a fotografia e seus significados. É ressaltada a relevância do registro visual na esfera política, destacando seu papel crucial na documentação de eventos significativos, incluindo

mudanças sociais e a progressiva representação das mulheres. A análise de imagem é explorada, enfatizando a perspectiva da significação. O texto destaca como as imagens são interpretadas a partir de aspectos culturais.

Foram elaboradas duas perguntas que se baseiam em todo o levantamento teórico da pesquisa. As perguntas foram base para a coleta da interpretação de homens e mulheres sobre quatro fotografias inseridas no contexto das eleições do ano de 2022. para quatro fotografias. A partir das respostas do recorte de gênero masculino e feminino, a análise identificou a falta de representatividade de grupos minorizados na política.

Foi utilizada a metodologia de análise de conteúdo, a partir de uma pesquisa qualitativa, que utilizou a técnica de questionário online. Estudantes e profissionais de jornalismo foram o foco para as respostas. Foi utilizado o software AntConc para categorizar as respostas, concluindo a análise em quatro categorias: Desigualdade, Representatividade, Política e Gênero.

As conclusões destacam a diferença nas respostas de homens e mulheres, enfatizando a importância de considerar a subjetividade na interpretação de imagens políticas. A análise detalhada revela as percepções sobre Desigualdade, Representatividade, Política e Gênero, destacando a necessidade de maior diversidade e inclusão na política.

Ao longo da construção bibliográfica os autores constataam que a interpretação de uma fotografia está diretamente relacionada com a atribuição de significados dos elementos que constam na imagem. Essa atribuição não será feita da mesma maneira para todas as pessoas, cada uma pode ver e entender de uma forma diferente. Essa análise compreende que as pessoas percebem e interpretam as fotografias a partir de como enxergam o mundo ao seu redor, com seu repertório, moldando seu próprio ponto de vista.

A pesquisa defendeu a ideia de que, devido a diferença social sob a qual os diferentes gêneros são estabelecidos, cada um vai entender o mundo de uma forma diferente. Na busca de uma visão mais geral, a expectativa da pesquisadora era de comprovar que as mulheres enxergariam um ponto de vista diferente dos homens, tendo em vista que, por serem, constantemente, marginalizadas pela sociedade patriarcal, poderiam compreender as fotografias a partir de um viés voltado para a falta de representatividade ou o avanço do gênero em questão no cenário político. O homem, por sua vez, não enxergaria este lado, pois a visão de mundo que possui é

de espaço e reconhecimento dentro da esfera. Contudo, em razão das perguntas formuladas direcionarem para a discussão de gênero, a maioria dos homens evidenciaram essa realidade. Entretanto, foi perceptível que os homens tiveram respostas mais padrão e de distanciamento desta realidade, apenas afirmando a pauta, enquanto as mulheres demonstraram sentimentos de pertencimento sobre a realidade e vontade em mudar o cenário.

O estudo conclui que há representações de gênero presentes nas fotos das reportagens do jornal Nexo e que há impacto na interpretação das imagens a partir do olhar de homens e mulheres. Este impacto está diretamente ligado à segregação e à opressão sofridas pelos grupos minorizados. A pesquisa conseguiu responder ao questionamento principal, relacionando o que foi respondido no questionário com o que foi descrito na etapa teórica. A resposta encontrada está em concordância com o que se esperava, ou seja, a análise confirmou o que era esperado antes da realização deste estudo. Apesar da confirmação sobre o questionamento, a pesquisa ajudou na percepção de que a desigualdade na representatividade de gênero e raça é visível a todos, entretanto, a partir das respostas, os homens não demonstraram vontade de mudança, apenas conhecimento sobre o cenário. Outro aspecto que foi visto é que analisar as respostas pela perspectiva de gênero é apenas um detalhe, pois algumas pessoas responderam que a questão racial vem em primeiro lugar, foi percebido que, para muitas pessoas, inclusive mulheres, questão de gênero não é o assunto principal que deve ser discutido. Algumas responderam sobre questões técnicas de fotografia, assim como outros respondentes falaram sobre posições partidárias. Com esse aprendizado, é ressaltado que, muitas vezes, a interpretação de um material com tema sobre representação de gênero deve levar em conta outros fatores sociais, como racial e de classe. O estudo desempenha um papel crucial ao evidenciar como as experiências individuais moldam a interpretação das representações de gênero na esfera política, mesmo diante da busca por objetividade e clareza no fotojornalismo. A identificação de interpretações diversas ressalta a complexidade dessa dinâmica, revelando a naturalização da desigualdade de gênero em certas respostas.

A pesquisa destaca o reconhecimento generalizado, tanto por homens quanto por mulheres, da insuficiente representatividade na política, sublinhando a necessidade urgente da presença de pessoas que fazem parte dos grupos que são sub-representados para promover políticas mais inclusivas. Além disso, o estudo também aborda questões sobre a desigualdade

racial na política. A conclusão central ressalta que a carência de diversidade e inclusão na política atua como um obstáculo significativo para a tomada de decisões que atendam às necessidades de toda a população, enfatizando a crucial importância de uma representação mais equitativa.

A pesquisadora identificou uma lacuna na qualidade, em questão de composição, das fotografias jornalísticas do jornal Nexo, o qual é classificado como veículo de jornalismo interpretativo. Essa observação gerou certa surpresa, uma vez que se poderia esperar um cuidado e qualidade maiores na seleção de imagens, especialmente considerando o caráter interpretativo do veículo. Um exemplo específico é a matéria sobre as deputadas transexuais, Erika Hilton e Duda Salabert, cujas fotografias foram extraídas de perfis na antiga rede social *Twitter* que agora é chamada de *X* e realizada uma montagem com as duas imagens. Este exemplo aponta desconexão entre a natureza interpretativa do jornal e a escolha de imagens mais convencionais.

Uma pesquisa adicional de relevância seria uma análise comparativa abrangente das representações fotográficas das minorias sociais em diferentes veículos de comunicação. Esta investigação poderia examinar e comparar as estratégias visuais adotadas por diversos meios, considerando elementos como composição, conceito e estilos fotográficos. Também se entende relevante uma pesquisa sobre questões raciais. Como as pessoas negras são representadas, através de fotografias jornalísticas, dentro do âmbito político. Outra perspectiva a ser explorada poderia ser se as interpretações variam em diferentes contextos culturais, considerando que as percepções podem ser moldadas por valores e normas específicas de cada sociedade.

## REFERÊNCIAS

ACORSI, André Reinaldo; BONI, Paulo César. **A margem de interpretação e a geração de sentido no fotojornalismo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29, 2006, Brasília. Anais do 6º Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Brasília: Intercom, 2006. p. 1-15. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/7652471582834505247976163588826377964.pdf>. Acesso em: 15 set. 2023.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-52, mar. 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda., 1998. 158 p. Disponível em: [https://www.academia.edu/36538728/Pierre\\_Bourdieu\\_A\\_Domina%C3%A7%C3%A3o\\_Masculina](https://www.academia.edu/36538728/Pierre_Bourdieu_A_Domina%C3%A7%C3%A3o_Masculina). Acesso em: 15 set. 2023.

CARDOSO, Fátima Lopes. **Fotojornalismo: o real e o verosímil**. Discursos Fotográficos, Londrina, v. 14, n. 24, p. 118-139, jun. 2018. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/1984-7939>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/30807/pdf>. Acesso em: 06 out. 2023.

CARNEIRO, Jéssica de Souza. **Fotografia e memória autobiográfica no facebook: narrativas de si mediadas pela imagem**. 2016. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisas em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 380 p. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522474400/pageid/3>. Acesso em: 18 out. 2023.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 2. ed. Campinas: Papirus Editora, 1998. 362 p. Tradução de: Marina Appenzeller. Disponível em: <https://cteme.files.wordpress.com/2011/03/dubois-philippe-o-ato-fotogrc3a1fico-e-outros-ensaios-2.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

HISSA, Sarah. **A Fotografia arqueológica: entre a mimese e a criação**. *Habitus*, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 71-88, dez. 2015. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/4796/2676>. Acesso em: 05 out. 2023.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Lisboa: Edições 70, 1994. 176 p. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5583676/mod\\_resource/content/0/JOLY\\_introducao-a-analise-da-imagem-martine-joly%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5583676/mod_resource/content/0/JOLY_introducao-a-analise-da-imagem-martine-joly%20%281%29.pdf). Acesso em: 24 out. 2022.



JUSTIÇA ELEITORAL. **Comissão TSE mulheres**. Disponível em: <https://www.justicaeleitoral.jus.br/tse-mulheres/#estatisticas>. Acesso em: 10 de novembro de 2023.

LIMA, Ivan. **A fotografia é a sua linguagem**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988. 120 p.

MELO, K. M. M., MALFITANO, A. P. S., & LOPES, R. E. (2020). **Os marcadores sociais da diferença**: contribuições para a terapia ocupacional social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. 28(3), 1061-1071. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF1877>

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014. 164 p.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021. 132 p. Disponível em: <https://asdocs.net/26Uwk~pdfviewer>. Acesso em: 08 out. 2023.

PASSOS, Danrley Nogueira. **O impacto pessoal e profissional da exposição à violência em jornalistas que cobrem temas de segurança pública em emissoras de televisão**. 2019. 104 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social: Jornalismo, Uniritter, Porto Alegre, 2019.

Perucchi, J., & Adrião, K. G. (2007). **Mulheres em movimento**: histórias do feminismo pela fotografia. *Cadernos Pagu*, (29), 469 - 473. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000200019>

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 set. 2023.

PINSKY, C. **Estudos de Gênero e História Estudos de Gênero e História Social**. Estudos Feministas, 2009. 296 p. Ensaio.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003. 472 p. Disponível em: <https://bit.ly/46M4r7B>. Acesso em: 28 set. 2023.

RENÓ, Denis; CARDOSO, Fátima Lopes; FREIXA, Pere (org.). **Poéticas Fotográficas**. Aveiro: Ria Editorial, 2021. 236 p. Disponível em: <https://indd.adobe.com/view/f9ba714b-ccd9-435d-9682-8b3e3c22e698>. Acesso em: 19 out. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular e Fundação Perseu Abramo, 2015. 158 p. Disponível em: [https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2021/10/genero\\_web.pdf](https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2021/10/genero_web.pdf). Acesso em: 15 set. 2023.

SANTO, Letícia Cristina do Espírito. **Fotojornalismo político: Matérias que vão além da informação**. 2022. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Departamento de Jornalismo, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022. Disponível em: <https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:e36d27a4-cde1-468a-bd5a-88bf684e6dc5>. Acesso em: 29 set. 2023.

SCOTT, Joan Walach. **A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem**. Florianópolis: Mulheres, 2002. 312 p.

SOUGEZ, Marie-Loup. **História da fotografia**. Lisboa: Dinalivro, 2001. 314 p.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história crítica do fotojornalismo ocidental. Porto: Universidade Fernando Pessoa. 1998. 320 p.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e a linguagem de fotografia na imprensa**. São Paulo: Letras Contemporâneas, 2004. 124 p.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Letras Contemporâneas, 2004. 255 p.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1993. 166 p. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4220349/mod\\_resource/content/1/TELES%20C%20Maria%20Am%C3%A9lia.%20Breve%20hist%C3%B3ria%20do%20feminismo%20no%20Brasil.%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4220349/mod_resource/content/1/TELES%20C%20Maria%20Am%C3%A9lia.%20Breve%20hist%C3%B3ria%20do%20feminismo%20no%20Brasil.%20%281%29.pdf). Acesso em: 06 set. 2023.

TILIO, Rafael de. Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. **Gênero**, Niterói, v. 14, n. 2, p. 125-148, set. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/download/31193/18282>. Acesso em: 20 set. 2023.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Confira as principais datas do calendário eleitoral de 2022**. 11 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Janeiro/confira-as-principais-datas-do-calendario-eleitoral-de-2022>. Acesso em: 01 de novembro de 2023.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Mais da metade dos candidatos aos cargos das Eleições 2022 se autodeclarou negra**. 18 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Novembro/mais-da-metade-dos-candidatos-aos-cargos-das-eleicoes-2022-se-autodeclarou-negra>. Acesso em: 15 de novembro de 2023.

VEIGA, Ana Maria; PEDRO, Joana Maria. **Dicionário Crítico de Gênero**. 2. ed. Dourados: Ufgd Editora, 2019. 748 p. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwih5-3Z-pD-AhWmqZUCHcg4AmkQFnoECDsQAQ&url=https%3A%2F%2Frepositorio.ufgd.edu.b>

r%2Fjspui%2Fbitstream%2Fprefix%2F1097%2F1%2Fdicionario-critico-de-genero.pdf&usg=AOvVaw3x3lcSjJ6hsD-ExqMGZeVS. Acesso em: 16 set. 2023.

VIECELI, Leonardo. **IBGE inclui perguntas sobre identidade de gênero e orientação sexual em nova pesquisa.** Folha de São Paulo, Rio de Janeiro, 11 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/10/ibge-inclui-pergunta-sobre-identidade-de-genero-e-orientacao-sexual-em-nova-pesquisa.shtml> .Acesso em: 15 de novembro de 2023.

## APÊNDICE A - Respostas dos homens

Quadro 2: Respostas dos homens no questionário

Resposta do Homem 1 (RH1) na Fotografia 1 (F1) da Pergunta 1 (1): (RH1\_F1\_P1).

Pergunta 1: Que impressões ou sentimentos a imagem desperta em você sobre as relações de gênero na política?	Pergunta 2: A fotografia jornalística é usada como forma de veículo para a observação, a informação e o registro sobre a vida humana. Avalie a imagem e explique, a partir de seu entendimento, de que forma ela contribui ou não para informar sobre a política nacional.
RH1_F1_P1: A única figura feminina da imagem está claramente sendo "julgada" com o olhar de desprezo dos homens ao redor.	RH1_F1_P2: Boa parte dos cargos públicos na política nacional são ocupados por homens. A imagem representa isso, uma vez que apresenta seis homens e uma mulher. Outro ponto, é que as mulheres têm falas desvalorizadas na política. Em muitos casos, políticos homens ironizam e atacam as mulheres, até em sessões oficiais. Na imagem, é nítido o descontentamento dos homens com a mulher presente.
RH1_F2_P1: Sem resposta	RH1_F2_P2: Sem resposta
RH1_F3_P1: Uma campanha de uma mulher, no entanto cercada por homens.	RH1_F3_P2: Novamente, uma situação onde há mais homens do que mulheres na imagem. Mesmo que a mulher ao centro seja a principal figura, está cercada por homens.
RH1_F4_P1: Falta de espaço	RH1_F4_P2: Mesmo sendo um país plural, a política nacional segue em uma via quase que única. Na imagem, além da maioria de homens, apenas uma pessoa negra aparece.
RH2_F1_P1: Tristeza ao presenciar a falta de representantes femininas de forma igualitária ao sexo masculino na política de forma geral.	RH2_F1_P2: Ela contribui, pois registra o fato, mesmo que triste, da política nacional que hoje é representada em sua maioria por homens brancos de meia idade.
RH2_F2_P1: Um sentimento de felicidade e esperança, pois destaca a nossa pluralidade e quanto a política precisa trabalhar em diversas frentes para garantir igualdade.	RH2_F2_P2: Ela contribui mostrando, através da pluralidade, que somos um povo plural que luta por seus direitos e que precisa de governantes que pensem em políticas que atendam a todos.
RH2_F3_P1: Representa a união em prol de algo melhor à sociedade.	RH2_F3_P2: Ela contribui mostrando a realidade da política onde por vezes é necessário a união para que as coisas se realizem.
RH2_F4_P1: Falta de representatividade.	RH2_F4_P2: Ela é importante, pois é um retrato fiel da realidade da política brasileira.
RH3_F1_P1: Mostra a predominância dos homens na política. Também passa a ideia de isolamento das mulheres na área. Ainda é possível ver que a mulher está passando por um "juízo".	RH3_F1_P2: No caso, considero que informa pouco. Era preciso destacar que papel a senadora Soraya Tronick está representando ali. Embora a presença masculina seja maior, quem é relevante é a senadora. Contudo, a imagem não mostra nada disso. Distorce o que realmente está acontecendo.

RH3_F2_P1: Por eu conhecer o ótimo trabalho das duas, a imagem não me passa impressões ou sentimentos. Conheço as deputadas pelos seus trabalhos e não pelo gênero.	RH3_F2_P2: Informa pouco. Alguém que não sabe quem elas são, descobriria algo sobre as deputadas? Talvez identificasse a Érika como de esquerda pelo L.
RH3_F3_P1: Como a primeira imagem, mostra a predominância dos homens na política.	RH3_F3_P2: Informa pouco. É possível perceber que a Simone Tebet é a principal na situação, mas seria preciso deixar mais claro o papel dela.
RH3_F4_P1:Mostra que mulheres e ainda mais mulheres pretas tem pouco espaço na política nacional.	RH3_F4_P2: De novo considero que informa pouca, pois não deixa claro o papel das mulheres no contexto. Como acompanho política sei quem são. Contudo, quem não acompanha no dia a dia fica “perdido”.
RH4_F1_P1: Exclusão	RH4_F1_P2: Pra mim, contribui para mostrar o quão exclusivista é a política nacional. Um país com maioria parda ou preta e temos 7 pessoas brancas e 1 pessoa parda.
RH4_F2_P1: Diversidade	RH4_F2_P2: Contribui, pois mostra que há espaço para maior diversidade e inclusão na política brasileira, mas infelizmente, não representa um número expressivo na nossa política.
RH4_F3_P1: Oportunidade	RH4_F3_P2: Mostra que a nossa política também é oportunista, pois em outras ocasiões, ela jamais estaria ali.
RH4_F4_P1: Luta	RH4_F4_P2: Temos diversos políticos de direita ao redor da imagem, mas no centro políticas mulheres fortes e independentes.
RH5_F1_P1: Os homens da foto estão desqualificando a fala da mulher. Além disso, existe uma diferença do número de homens e mulheres no registro, podendo representar a ocupação dos cargos no cenário político brasileiro.	RH5_F1_P2: Acredito que retrate como a maioria dos homens levem a opinião das mulheres na política. Ou seja, o número de mulheres é menor e quando ouvidas existe um desdém.
RH5_F2_P1: Trata-se de uma questão complexa. No cenário político atual existem muitas pessoas que são desqualificadas pela definição de gênero. No entanto, também existem pessoas que utilizam disso para ganhar voto e se manter no poder.	RH5_F2_P2: Em minha visão, as imagens passam a ideia de que cada vez mais a política está recebendo diferentes tipos de pessoas. Porém, não se sabe até que ponto essas pessoas possuem voz de decisão.
RH5_F3_P1:Em minha visão, significa que a mulher está entrando na política. Mas, ainda em minoria.	RH5_F3_P2: A mulher está entrando, cada vez mais, na política. Porém, ainda em menor número e por vezes é desqualificada por conta de seu gênero.
RH5_F4_P1: Desigualdade na representação das minorias.	RH5_F4_P2: Ela mostra claramente a desigualdade no número de representantes das minorias.
RH6_F1_P1: Sentimento nenhum. Mas não fosse pela legenda, o gênero não passaria pela	RH6_F1_P2:Não vejo muita informação, a não ser que a Soraya é candidata. Vejo pouca

minha cabeça num primeiro olhar. Me chama mais a atenção o espectro político que os personagens da foto representam. E o cenário aparentemente improvisado.	contribuição para a informação política pois, nesse caso, gênero — que é o que se pretende trabalhar pelo enunciado — é secundário, ao meu ver. Falar de representatividade a partir do União Brasil é quase apolítico.
RH6_F2_P1: Nenhum. O debate sobre relações de gênero não se explica, nem se inicia através de fotos encaixadas num contexto.	RH6_F2_P2: A única informação é que a pessoa da esquerda fez o L. Pelo contexto, pode-se pressupor que a da direita votou no Bolsonaro.
RH6_F3_P1: Rir pra não chorar. Me chama mais a atenção a ruralista Simone Tebet perto de uma bandeira do PCB. Tudo pelo voto. De novo, gênero é secundário, dada a hipocrisia do contexto.	RH6_F3_P2: Ela informa que vale tudo pelo voto.
RH6_F4_P1: Mais uma vez, gênero é secundário. O recorte de raça vem antes. Sempre.	RH6_F4_P2: Ela ilustra a falta de participação feminina na política, mas, acima de tudo, o racismo do sistema político brasileiro.
RH7_F1_P1: É visível que o gênero político predominante é o masculino	RH7_F1_P2: Essa foto é o retrato da política brasileira
RH7_F2_P1: Uma pessoa que está indo votar provavelmente no Lula e alguém vestindo o que parece ser um colete a prova de balas	RH7_F2_P2: Algo relacionado a votação que ocorreram no ano passado
RH7_F3_P1: A candidata Tebet com seus apoiadores, predominantemente homens	RH7_F3_P2: A imagem contribui para mostrar o dia da candidata, sua agenda daquele dia e a sua força de mobilização
RH7_F4_P1: Poucas mulheres tirando foto em meio ao um mar de homens, no que parece ser no Senado Federal	RH7_F4_P2: Novamente é o retrato da política brasileira, predominantemente ocupada por homens
RH8_F1_P1: Representatividade feminina;	RH8_F1_P2: A política nacional é formada por uma maioria de homens, o que é representativo na imagem. Mas, aos poucos, as mulheres estão ganhando visibilidade, assim, como outras classes, gêneros, e grupos sociais.
RH8_F2_P1: Representatividade de trans na política nacional	RH8_F2_P2: Na imagem é possível observar duas transexuais, que se inseriram em cargos políticos importantes, e representam uma grande população do gênero no Brasil.
RH8_F3_P1: Novamente, representatividade feminina.	RH8_F3_P2: Na imagem é possível ver um grupo de apoiadores políticos, e uma representante do governo federal
RH8_F4_P1: Falta de representatividade negra na política	RH8_F4_P2: Na imagem aparece um grupo de políticos. Mas o que chama a atenção é que só aparece uma mulher negra. Justamente demonstrando a falta de representatividade do gênero no Brasil.
RH9_F1_P1: A fotografia passa uma sensação de superioridade, em todos presentes na foto. Porém, há uma clara incomodação dos homens	RH9_F1_P2: Acredito que a foto mostrada traz uma reflexão sobre a igualdade no ambiente político, que é majoritariamente masculino

com a presença da mulher, já que todos olha para ela	
RH9_F2_P1: Essa imagem em particular não me dá uma associação direta com a política. Para mim, vendo essa foto sem nenhum contexto, a única relação com a política é que a mulher de rosa está "fazendo o L"	RH9_F2_P2: Acredito que a fotografia precisa de mais contexto. Se houvesse alguma linha de apoio poderia dar mais detalhes, mas na forma que está apresentada não me diz muito
RH9_F3_P1: Essa foto me passa a sensação de emoção, apoio e companheirismo	RH9_F3_P2: Essa imagem pode ser usada para indicar a aprovação de algum candidato
RH9_F4_P1: Apesar de serem três mulheres tirando uma foto, não sei se representa a união baseada no gênero, já que logo atrás delas podemos ver outra mulher que não participa do registro	RH9_F4_P2: Pode contribuir para mostrar uma aliança entre certos parlamentares

Fonte: Caroline Callai Sarturi (2023).

## APÊNDICE B - Respostas das mulheres

Quadro 3: Respostas das mulheres no questionário

Legenda: Resposta da Mulher 1 (RM1) na Fotografia 1 (F1) da Pergunta 1 (1): (RM1\_F1\_P1).

<b>Pergunta 1: Que impressões ou sentimentos a imagem desperta em você sobre as relações de gênero na política</b>	<b>Pergunta 2: A fotografia jornalística é usada como forma de veículo para a observação, a informação e o registro sobre a vida humana. Avalie a imagem e explique, a partir de seu entendimento, de que forma ela contribui ou não para informar sobre a política nacional.</b>
RM1_F1_P1: a imagem me transmite um sentimento de desigualdade, sendo a mulher mal vista em determinado espaço monopolizado por pessoas do sexo masculino.	RM1_F1_P2: A imagem retrata de modo silencioso, a realidade da mulher em muitos espaços públicos, lá no fundo ela só foi aceita naquele espaço pra preencher lacunas de um mundo completamente machista, para poder abordar pautas como igualdade de gênero.
RM1_F2_P1: A impressão que tenho, é a de esperança e igualdade.	RM1_F2_P2: Na visão de inclusão de gênero, de forma que todos tenham seu espaço de fala.
RM1_F3_P1: Sentimento de alegria, empoderamento feminino em um espaço onde o sexo masculino é predominante.	RM1_F3_P2: A expressão por si só, na maioria dos rostos é de felicidade, nos dando a ideia de identificação por ideais.
RM1_F4_P1: identificação de gênero, pelas mulheres retratadas na imagem em um vasto mundo "masculinizado".	RM1_F4_P2: Além da retratação de um leve contentamento feminino em um ambiente hostil masculino.
RM2_F1_P1: Desaprovação masculina em relação à fala da mulher	RM2_F1_P2: Ela é um reforço sobre o preconceito e machismo. Evidencia a dominância masculina na política.
RM2_F2_P1: Imagens que depreciam e não valorizam as pessoas fotografadas	RM2_F2_P2: Imagens mal feitas que tentam depreciar as pessoas transgêneros.
RM2_F3_P1: Desperta sentimento bom e de aprovação ao que acontece	RM2_F3_P2: Reflete apenas uma parcela da política nacional. Mas que demonstra a satisfação das pessoas que ali estão.
RM2_F4_P1: Mulheres continuam como minoria nos espaços políticos.	RM2_F4_P2: Transparece que as mulheres estão mais à vontade naquele espaço político, mesmo em minoria.
RM3_F1_P1: Uma relação desigual e machista, sinto raiva e quero apoiar a mulher	RM3_F1_P2: Contribui para entendermos a desigualdade de gênero existente
RM3_F2_P1: Pessoas que prezam pela igualdade de gênero e diversidade tendem a votar em partidos de esquerda	RM3_F2_P2: Acho que pessoas preconceituosas vão interpretar a imagem de forma errada
RM3_F3_P1: Na imagem percebemos muito mais homens brancos	RM3_F3_P2: Sem resposta
RM3_F4_P1: A imagem me gera desconforto, tanto pela diferença da quantidade de homens e mulheres presentes na foto e por ter apenas uma única mulher negra presente	RM3_F4_P2: Sem resposta



RM4_F1_P1: Desigualdade de gênero e cor.	RM4_F1_P2: Ela retrata a política nacional: sobretudo, patriarcal, com a presença de poucas mulheres e sempre brancas.
RM4_F2_P1: Diversidade.	RM4_F2_P2: As fotos retratam a tentativa de mudança do atual quadro político do país, investindo em diversidade de gênero e raça.
RM4_F3_P1: Sem resposta	RM4_F3_P2: Essa foto já passa uma maior amplitude de questões sociais
RM4_F4_P1: Sem resposta	RM4_F4_P2: Sem resposta.
RM5_F1_P1: A pouca representatividade feminina. E o fato da única mulher (pelo menos aparentar) ser branca.	RM5_F1_P2: Ela deixa claro que a política é feita majoritariamente de homens para homens. Se não somos representadas nem por quem NOS REPRESENTA, o que esperar da nossa vivência em outras áreas?
RM5_F2_P1: Maior diversidade.	RM5_F2_P2: Um cenário que parece, aos poucos, estar mudando graças a força daquel@s que não vão permitir que o sistema patriarcal vença.
RM5_F3_P1: Mesma sensação de um mundo desigual.	RM5_F3_P2: Parece servir de apoio a um grupo nichado, bem específico.
RM5_F4_P1: Desigualdade (número de homens vs. mulheres)	RM5_F4_P2: Sororidade
RM6_F1_P1: Pouca representatividade feminina, homens parecem olhá-la com desgosto. Imagem repulsiva.	RM6_F1_P2: Ela não me parece contribuir em nada, além de uma coletiva em que colegas partidários olham com nojo para uma colega.
RM6_F2_P1: A imagem parece uma colagem de duas fotografias, me passa um sentimento confuso e nem consigo refletir sobre a questão política. Parece que usaram da imagem de uma pessoa com nojo para imputar este sentimento por uma mulher trans	RM6_F2_P2: Não me parece informar, já que me passa a sensação de ser uma colagem.
RM6_F3_P1: Me sinto representada por muitas mulheres em um ambiente político.	RM6_F3_P2: Contribui no sentido de mostrar que a população apoia a candidata da foto.
RM6_F4_P1: Representatividade em ambiente sério e político.	RM6_F4_P2: Sem contexto não contribui muito além de perceber mulheres em um ambiente político.
RM7_F1_P1: A atenção dos homens a candidata a presidência enquanto a mesma faz a fala. Incomum!	RM7_F1_P2: O fotojornalismo é também narrativo e exemplificar muitas vezes o que está sendo relatado ou expressado. Na imagem, a fala da candidata traz a atenção destes homens e se destaca para mim como mulher por ser uma situação incomum. Com isso, também há a diferenciação de poder sobre as pessoas na foto, os olhos estão com quem detém o poder, nesse caso, além da fala, o poder é também o lugar em que ela se encontra politicamente.
RM7_F2_P1: Me remetem algo bom, como a	RM7_F2_P2: Contribui para que mais pessoas

<p>tomada de lugares do poder executivo e legislativo nas decisões do país, com a cara de quem vive nele, na sua íntegra pluralidade.</p>	<p>se sintam representadas, fortalecidas e incentivadas a votarem, participarem e até mesmo candidatar-se.</p>
<p>RM7_F3_P1: Muito bom ver mulheres nesses espaços de poder e tomada de decisões por um país melhor, mas não deixo de questionar quem as rodeia, como por exemplo nesta fotografia, rodeada por homens, normalmente brancos, meia idade.</p>	<p>RM7_F3_P2: Contribui para que mais homens nos enxerguem também nesse lugar de contribuição política e força. Mas não valoriza ou incentiva a participação de mais mulheres.</p>
<p>RM7_F4_P1: Me torno repetitiva, mas assertiva. Mulheres parlamentares fazendo uma selfie. Muito se destaca a mulher negra em meio a tantos homens brancos e apenas algumas mulheres.</p>	<p>RM7_F4_P2: Me sinto representada como mulher negra pela mulher na fotografia, para além da narrativa que a fotografia conta, ela está com outras mulheres e não está sendo desrespeitada ou em um lugar inferior aos demais parlamentares presentes na imagem.</p>
<p>RM8_F1_P1: Do união Brasil a gente não pode esperar muita coisa. Além da desproporcionalidade entre os sexos dos presentes na foto, os homens parecem pouco interessados na fala da Soraya.</p>	<p>RM8_F1_P2: A fotografia em si evidência a clara disparidade, tanto de sexo quanto de cor, da política brasileira de forma geral. 5 homens brancos, 1 mulher branca e 1 homem negro.</p>
<p>RM8_F2_P1: Na segunda imagem, há uma diversidade de gênero e cor. Por isso, evidencia um outro lado da política, mais diversa e plural. Apesar de ainda insipiente, a diversidade produz esperança de que a política brasileira se tornará cada vez mais inclusiva.</p>	<p>RM8_F2_P2: De um lado, para eleitores mais progressistas, pode contribuir para o entendimento de que a política nacional pode ser lugar para quaisquer corpos, cores e gêneros. Já para eleitores mais conservadores, pode contribuir cada vez mais com o preconceito e reprodução de violência contra corpos marginalizados.</p>
<p>RM8_F3_P1: Apesar de claramente haver mais mulheres, ainda são em número minoritário. Pode-se notar que é um comício de partidos de esquerda, então eu esperava que pudesse ter mais mulheres.</p>	<p>RM8_F3_P2: Eu acho que é uma hipocrisia da esquerda liberal (e até de alguns partidos considerados da esquerda radical) abraçar partidos que estiveram ao lado do governo genocida apenas para vencer a eleição. Na fotografia, também há pouca diversidade de cor e poucas pessoas evidentemente pertencentes a classe mais explorada.</p>
<p>RM8_F4_P1: Novamente, poucas mulheres em um universo predominantemente masculino. A impressão que dá é que a política não foi feita para mulheres.</p>	<p>RM8_F4_P2: De um universo masculino, apenas 6 são mulheres, 1 só é negra e não há jovens. Essa imagem também diz muito sobre a política nacional, que é feita para homens, velhos e brancos. Mas, aos poucos, vamos mudando a realidade.</p>
<p>RM9_F1_P1: Embora seja a única mulher, e com jeitão de influencer, ainda assim dá a sensação de empoderamento</p>	<p>RM9_F1_P2: Mostra a discrepância entre homens e mulheres na política. Somos em número muito inferior, mesmo existindo uma porcentagem mínima garantida de participação. O homem de braços cruzados está claramente contrariado (pela fala dela? por ela ser o destaque? por ser obrigado a estar ali?). Algum deles é suplente? Por que não uma mulher ser suplente da candidata ao Senado? Sendo uma entrevista de campanha, por que um homem está no centro e não a candidata?</p>

RM9_F2_P1: São fotos ruins. Mas duvido que na hora da votação algum candidato/a/e, pego/a/e de surpresa, fique minimamente interessante.	RM9_F2_P2: As fotos ruins, como mencionei anteriormente. As duas são trans, mas a Erika tem características mais femininas. Fica mais difícil confundi-la com o gênero masculino, exatamente o oposto a Duda.
RM9_F3_P1: Simone abraçou de vez o 'comunismo' (hahahaha). Rodeada principalmente por homens, mas no centro da foto.	RM9_F3_P2: Essa foto capta um momento quase de descontração. Simone claramente feliz de ter deixado o lado obscuro da vida e se juntado ao povo do 'amor venceu'. Quando ela for candidata, e se for contra outro ser vindo das trevas, terá meu voto! Obrigada, Simone!
RM9_F4_P1: O de sempre: somos minoria. E os políticos são os mesmos de sempre: é um oligopólio -- anos e anos sendo reeleitos deputados/senadores e, antes deles, os pais, os irmãos...	RM9_F4_P2: Essa foto é depreciativa. Enquanto todos estão sérios, compenetrados, as três estão preocupadas em foto para postar nas redes sociais. Sabemos que o Congresso virou a casa das blogueirinhas, mas a foto isolada dá a entender ao leitor que as três (petistas?) estavam lá só pra fazer self.
RM10_F1_P1: Pela imagem nota-se falta de representatividade, ou seja, de que mesmo com gritos não seremos ouvidos.	RM10_F1_P2: Ela não contribui, muito pelo contrário, ela regride
RM10_F2_P1: Trazem a sensação de estar ali, através delas. De ser ouvida, compreendida e principalmente respeitada. Um sentimento de que nosso voto é válido e ainda pode mudar muita coisa!	RM10_F2_P2: Ela contribui para representar a sociedade como todo e não somente uma parte dela.
RM10_F3_P1: Bom, eu não sou de esquerda nem de direita, mas representa pessoas que juntas acreditam na revolução!	RM10_F3_P2: Acredito nela mais como forma de expressão!
RM10_F4_P1: Acolhimento	RM10_F4_P2: Não sei dizer
RM11_F1_P1: Preconceituosa (não ter pessoas negras), falta de pluralidade de gênero e raça.	RM11_F1_P2: Ela representa como a política brasileira funciona. Falta de representatividade.
RM11_F2_P1: Luta por representatividade.	RM11_F2_P2: Contribui positivamente, é importante pessoas plurais na política.
RM11_F3_P1: Falta de representatividade.	RM11_F3_P2: Demonstra a falta de pluralidade na política
RM11_F4_P1: Baixa representatividade.	RM11_F4_P2: Vemos 5 mulheres rodeadas por homens, todos brancos. Apenas uma mulher negra.
RM12_F1_P1: Me dá um certo desconforto, agonia, indignação, dúvida, me causa confusão. A impressão que dá é que não há mulher na política brasileira, e que elas só entram para especular, para levantar questões desnecessárias e circular Indignação, pois os olhares que a única mulher recebe são de deboche e desconfiança.	RM12_F1_P2: Ela reforça o que acontece na política: não há espaço para mulheres, elas não são bem recebidas.
RM12_F2_P1: A impressão que causa é que	RM12_F2_P2: Ela informa que a política

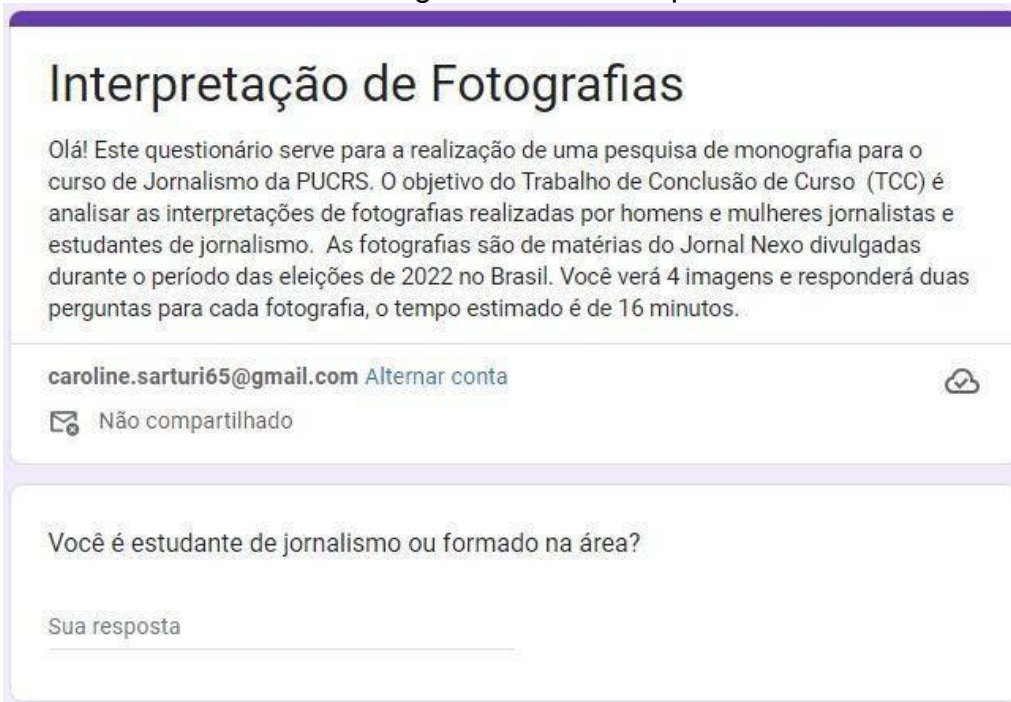
figuras públicas possuem poder para influenciar o voto da população e que elas usam o alcance que tem para tentar defender o seu candidato .	nacional é trabalhada a partir de "marketing", que o povo brasileiro não sabe votar e é facilmente influenciável.
RM12_F3_P1: Me dá indignação	RM12_F3_P2: Mostra que os pobres não acordaram para a realidade e que valorizam mais um partido do que a própria sobrevivência
RM12_F4_P1: Revolta, insatisfação	RM12_F4_P2: A fotografia comprova que as mulheres ainda são minorias em cargos políticos e a situação do negro também é pior ainda.
RM13_F1_P1: Sem direção fotográfica. Fotografia registrada sem pose.	RM13_F1_P2: Registro para divulgar uma coletiva e não uma matéria específica como divulgar um personagem.
RM13_F2_P1: Normal, a imagem é realizada para divulgar o momento.	RM13_F2_P2: A fotografia é fundamental para propagar um ideia às vezes a imagem fala mais do que palavras.
RM13_F3_P1: Democracia! Sentimento de mudança.	RM13_F3_P2: Contribui! Fundamental sempre
RM13_F4_P1: Cúpula	RM13_F4_P2: Sim! Política
RM14_F1_P1: É evidente que a presença de homens na política é predominante, a foto só comprova isso. Também sinto desconforto ao perceber que todos estão olhando para a mulher, mesmo que eu acredite que a intenção não seja ruim.	RM14_F1_P2: Para mim, ela só evidencia o fato de que mulheres são minoria da política, e que provavelmente todos ali são do mesmo partido. Nada além disso.
RM14_F2_P1: Sem resposta	RM14_F2_P2: Sem resposta
RM14_F3_P1: Sem resposta	RM14_F3_P2: Sem resposta
RM14_F4_P1: Sem resposta	RM14_F4_P2: Sem resposta
RM15_F1_P1: Falta de equidade de gênero	RM15_F1_P2: A fotografia exemplifica a falta de equidade de gênero na política nacional, que ainda conta com poucas lideranças femininas. A postura da senadora Soraya Thronicke transmite firmeza, enquanto o estranhamento dos olhares masculinos parece revelar algum desconforto.
RM15_F2_P1: Inclusão de lideranças LGBTQIA+ no cenário político	RM15_F2_P2: As fotos falam sobre representatividade ao mostrar duas então candidatas da comunidade LGBTQIA+. A conquista de espaços na mídia para a população transgênero é uma conquista recente, assim como na política.
RM15_F3_P1: A fotografia, com Simone Tebet no centro de uma caminhada durante as eleições presidenciais revela algum protagonismo feminino, ainda que pontual.	RM15_F3_P2: Simone Tebet está no centro da caminhada durante o segundo turno da campanha presidencial, apoiando o então candidato Lula. Ao mesmo tempo em que a valorização do apoio de Tebet revela a relevância de uma figura feminina naquele cenário eleitoral, também lembra que a disputa seguiu entre dois homens.

RM15_F4_P1: As mulheres ao centro da foto transmitem uma mensagem de busca pela diversidade.	RM15_F4_P2: Sem resposta
RM16_F1_P1: Opressão e poder ostensivo do masculino sobre o feminino	RM16_F1_P2: A maioria expressiva masculina coage a minoria feminina (que só é menor em representatividade)
RM16_F2_P1: Não entendi bem a relação	RM16_F2_P2: Gosto muito da Érika mas não entendi a relação entre as fotos
RM16_F3_P1: Não me disse muita coisa	RM16_F3_P2: Simone Tebet sendo reconhecida é o que me transmite
RM16_F4_P1: Minoria representativa feminina e resistência	RM16_F4_P2: Ela indica o quão baixa ainda é a representatividade feminina na política, porém resistente

Fonte: Caroline Callai Sarturi (2023).


## ANEXO A - Questionário semi-estruturado digital


Figura 1 - Início do questionário



**Interpretação de Fotografias**

Olá! Este questionário serve para a realização de uma pesquisa de monografia para o curso de Jornalismo da PUCRS. O objetivo do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é analisar as interpretações de fotografias realizadas por homens e mulheres jornalistas e estudantes de jornalismo. As fotografias são de matérias do Jornal Nexo divulgadas durante o período das eleições de 2022 no Brasil. Você verá 4 imagens e responderá duas perguntas para cada fotografia, o tempo estimado é de 16 minutos.

caroline.sarturi65@gmail.com [Alternar conta](#) 

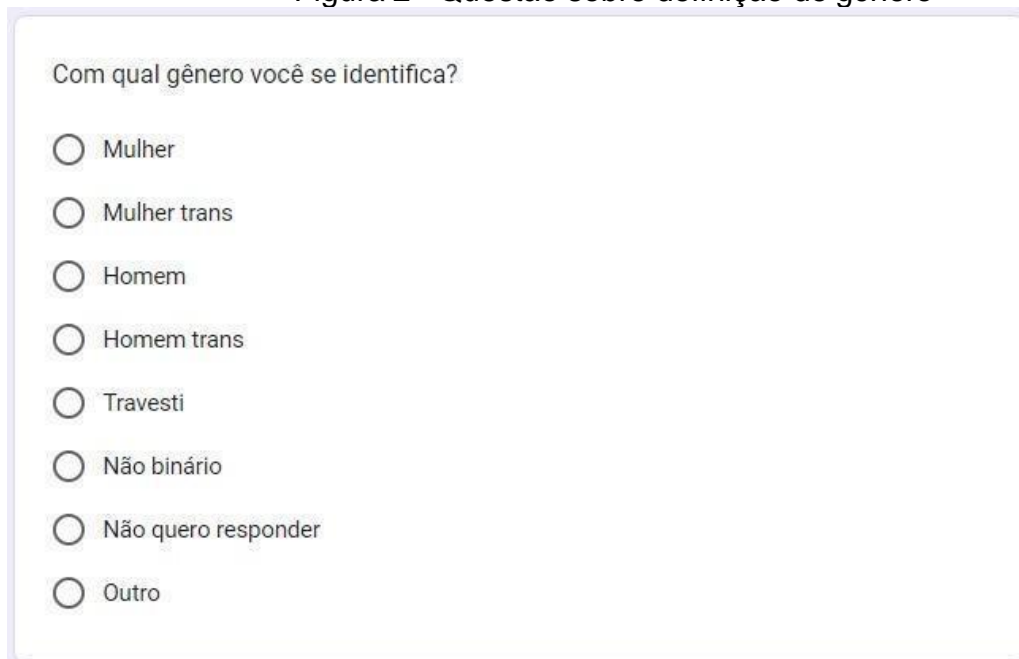
 Não compartilhado

Você é estudante de jornalismo ou formado na área?

Sua resposta

Fonte: *Google Forms* (2023).

Figura 2 - Questão sobre definição de gênero



Com qual gênero você se identifica?

- Mulher
- Mulher trans
- Homem
- Homem trans
- Travesti
- Não binário
- Não quero responder
- Outro

Fonte: *Google Forms* (2023).

Figura 3 - Primeira pergunta

Fotografia 1



Que impressões ou sentimentos a imagem desperta em você sobre as relações de gênero na política?

Sua resposta

Fonte: *Google Forms* (2023).

Figura 4 - Pergunta 2 da fotografia 1

A fotografia jornalística é usada como forma de veículo para a observação, a informação e o registro sobre a vida humana. Avalie a imagem e explique, a partir de seu entendimento, de que forma ela contribui ou não para informar sobre a política nacional.

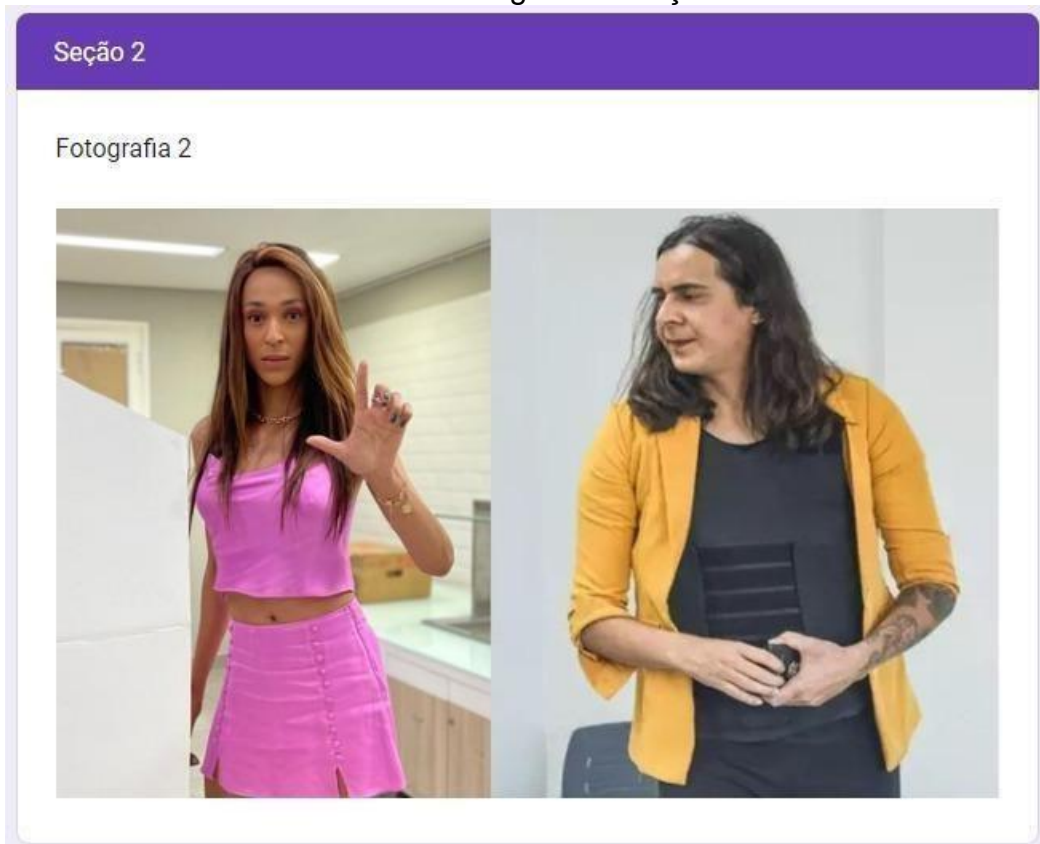
Sua resposta

Próxima

Limpar formulário

Fonte: *Google Forms* (2023).

Figura 5 - Seção 2



Fonte: Google Forms (2023).

Figura 6 - Perguntas da seção 2

Que impressões ou sentimentos a imagem desperta em você sobre as relações de gênero na política?

Sua resposta

---

A fotografia jornalística é usada como forma de veículo para a observação, a informação e o registro sobre a vida humana. Avalie a imagem e explique, a partir de seu entendimento, de que forma ela contribui ou não para informar sobre a política nacional.

Sua resposta

---

Voltar Próxima Limpar formulário

Fonte: Google Forms (2023).



Figura 7 - Seção 3

## Seção 3

Fotografia 3



Que impressões ou sentimentos a imagem desperta em você sobre as relações de gênero na política?

Fonte: *Google Forms* (2023).

Figura 8 - Perguntas da seção 3



Que impressões ou sentimentos a imagem desperta em você sobre as relações de gênero na política?

Sua resposta

A fotografia jornalística é usada como forma de veículo para a observação, a informação e o registro sobre a vida humana. Avalie a imagem e explique, a partir de seu entendimento, de que forma ela contribui ou não para informar sobre a política nacional.

Sua resposta

[Voltar](#) [Próxima](#) [Limpar formulário](#)

Fonte: *Google Forms* (2023).

Figura 9 - Seção 4

## Seção 4

Fotografia 4



Que impressões ou sentimentos a imagem desperta em você sobre as relações de gênero na política?

Fonte: *Google Forms* (2023).

Figura 10 - Perguntas da seção 4



Que impressões ou sentimentos a imagem desperta em você sobre as relações de gênero na política?

Sua resposta

A fotografia jornalística é usada como forma de veículo para a observação, a informação e o registro sobre a vida humana. Avalie a imagem e explique, a partir de seu entendimento, de que forma ela contribui ou não para informar sobre a política nacional.

Sua resposta

[Voltar](#) [Enviar](#) [Limpar formulário](#)

Fonte: *Google Forms* (2023).

## ANEXO B - Ferramenta Antconc

Figura 11: palavra representatividade

	Type	Rank	Freq	Range
1	representatividade	1	18	1

Fonte: Antconc (2023).

Figura 12: palavra política

	Type	Rank	Freq	Range
1	política	1	54	1

Fonte: Antconc (2023).

Figura 13: palavra desigualdade

	Type	Rank	Freq	Range
1	desigualdade	1	6	1

Fonte: Antconc (2023).

Figura 14: palavra gênero

	Type	Rank	Freq	Range
1	gênero	1	24	1

Fonte: Antconc (2023).



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação e Educação Continuada  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)